

Jhonatas Nilson

Juntos outra vez





PERIGOSAS NACIONAIS

Juntos outra vez

Jhonatas Nilson

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Jhonatas Nilson

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

Querido leitor,

É sempre um prazer apresentar uma nova história. Quando a ideia para esse livro surgiu, eu sabia apenas que precisava criar personagens fortes em um enredo rápido. Após isso, me deixei levar pelas surpresas que só um belo romance pode proporcionar.

Espero que você se apaixone por Jonathan e Ellen. Ambos passaram por muitas coisas, e enfrentaram problemas que muitas vezes também podem surgir em nossas vidas.

Desejo-lhe uma ótima leitura!

Com carinho,
Jhonatas Nilson.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Compreenda a sua importância.

Às vezes é doloroso demais seguir em frente, não é? Desistir parece ser a melhor opção, afinal quem se importa? Encerrar tudo soa muito mais reconfortante. No entanto, tudo isso não passa de uma névoa, que cobre a sua alegria com um manto de escuridão. Entenda que a depressão é mentirosa. É traiçoeira.

Cada vez que uma voz triste começar a soar entre seus pensamentos, saia para caminhar, escute a sua música favorita, dance, corra e sorria. É desafiante *vencer* a tristeza, mas você é mais forte. Você é importante. A sua ausência abalaria o universo de muitas pessoas que estão ao seu redor.

Para 2019, eu desejo que você possa, dia após dia, ser capaz de enxergar a cor das flores, assim como o brilho do sol. Desejo que você sorria de

PERIGOSAS NACIONAIS

forma intensa e sem lógica, que você aproveite muitas tardes chuvosas com um bom livro e o seu doce favorito, que você passe a acreditar mais nos finais felizes, no seu e no das outras pessoas, que você enxergue o amor nos simples detalhes e nas atitudes mais irrisórias.

E desejo, por fim, que ao se olhar no espelho, você enxergue a sua grandiosidade. Enxergue o seu brilho. Enxergue a sua luz.

Você é importante.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1



A jovem Ellen Heath sonhava com muitas coisas, mas, provavelmente, salvar sua mãe era o maior dos seus sonhos. Talvez salvá-la pudesse significar salvar uma parte de si mesma que parecia morrer cada vez que precisava limpar as lágrimas da mulher que lhe dera a vida.

Mas como, no auge dos seus quatorze anos, Ellen poderia salvá-la? Por mais que lutasse todos os dias para ajudá-la a seguir em frente, sentia

PERIGOSAS NACIONAIS

como se Adelina Heath afundasse cada vez mais em um poço invisível que parecia não ter fim.

Ellen sabia que precisava ser forte. Por sua mãe.

— Você está me ouvindo? — Jonathan Brook tocou-lhe a mão e sorriu.

Jonathan era o melhor amigo de Ellen. Desde que se conheceram, cinco anos antes na escola, nunca se separaram.

Tinham muito em comum. Ambos faziam aniversário no mesmo dia, haviam nascido no mesmo ano e adoravam admirar o céu naquele horário em que ainda não era noite, mas tampouco era dia.

Ellen achava engraçado, e até mesmo improvável, que alguém pudesse se encaixar tanto com ela. Chegava a ser um pouco assustador, não gostava da ideia de amar tanto uma pessoa ao ponto de se perder em si mesma.

PERIGOSAS ACHERON

Amar demais fora exatamente o que fizera sua mãe adoecer. Amar podia representar tristeza.

— Sim, estou te ouvindo. — Ela sorriu de volta e sentiu sua barriga se contrair ao perceber que Jonathan olhava fixamente na direção dela.

Talvez Ellen ainda não soubesse o real significado de amor, mas sabia que o amava. Talvez não soubesse o que era ter um coração partido, mas sabia que se Jonathan quisesse, ele seria o único capaz de fazê-lo.

— Você está muito calada. O que aconteceu? — Jonathan se aproximou um pouco mais e permaneceu em silêncio, apenas esperando que ela dissesse alguma coisa.

— É a minha mãe. — Ellen suspirou lentamente e abaixou o olhar. Odiava falar sobre aquele assunto. Odiava incomodar as outras pessoas com os próprios problemas.

— Ela teve outra recaída?

— Ela passou a manhã inteira desorientada. Sequer comeu durante o café da manhã. Tomou uma garrafa de uísque inteira. Eu não sei o que fazer, Jonathan. — Ellen abaixou a cabeça e sentiu as lágrimas escorrendo por sua bochecha.

Adelina sofria de depressão severa. Cada dia que ela enfrentava era uma verdadeira vitória. Tanto para Adelina, quanto para Ellen.

Nem sempre as coisas foram assim, pelo contrário. Toda a família era realmente feliz, até que Jacobson Heath morrera.

Depois de quase quatro anos, Ellen ainda tinha total certeza de que aquela era a morte mais injusta de todas.

Fora em um dia de domingo, no verão, ela se lembrava muito bem. Jacobson subira no telhado para consertar alguma coisa que não estava funcionando, escorregara e caíra, chocando a cabeça violentamente contra uma das pedras

PERIGOSAS NACIONAIS

pontiagudas que serviam para enfeitar o jardim.

Em um segundo, sua vida era perfeita, no outro, tudo se transformou em um verdadeiro inferno.

Desde que Jacobson morrera, Adelina decaíra gradualmente, se entregando cada vez mais à tristeza. Perdera quase trinta quilos durante os últimos anos e em nada lembrava a mulher cheia de vida que fora em seus dias de casada.

Ellen sabia que sua mãe não era uma mulher fraca ou frágil, nunca fora. Mas agora, podia enxergar, sem dúvidas, que Adelina enfrentava uma batalha por dia e demonstrava sua força, mesmo que a dor da tristeza estivesse aparentemente prestes a vencer.

Sem dúvidas, não havia nada mais grandioso do que sentir o coração destroçado e mesmo assim continuar se esforçando para seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

Por isso, Ellen não apenas dava o melhor de si na escola, mas também tentava cuidar da casa e demonstrar, com toda a sua existência, que Adelina era importante e que passariam por toda aquela tristeza juntas.

Durante a noite, quando os pesadelos eram horríveis demais, Ellen sentava ao lado de sua mãe e acariciava os cabelos castanhos com fios brancos, cantarolando baixinho, como se, de alguma forma, sua voz fosse capaz de espantar os monstros que atormentavam sua cabeça.

— Talvez você devesse tentar fazer com que ela visite um psiquiatra e um psicólogo. Eu sei que você já tentou convencê-la, mas talvez, se pedir mais vezes, ela acabe aceitando. — Ele não entendia a dificuldade que Ellen estava passando, mas tentava entender.

Jonathan vivia com os pais em um rancho muito bem moldado. Sua família era estabilizada e

PERIGOSAS ACHERON

mantinha bons negócios. Não que fossem ricos, pois não eram, mas ganhavam o suficiente para viver de forma adequada e sem extravagâncias, e seus pais eram amorosos e cuidadosos.

Por isso, não fazia ideia da realidade que Ellen se encontrava. Podia apenas imaginar. E dava o seu melhor, mesmo que com tão pouca idade, para fazê-la sentir-se feliz sempre que estavam juntos.

Cloudtown era uma cidade pequena, onde nada era muito longe, por isso, saíam sempre que podiam, correndo pela pracinha que ficava no centro, perto da igreja. Também adoravam tomar sorvete e em seguida caminhar pelas ruas, sem destino algum, apenas usufruindo da companhia um do outro.

Naquele instante, sentados na pracinha no final da tarde, sentiam-se completos. Em paz. Por alguns segundos, Ellen se lembrou da época em que

PERIGOSAS ACHERON

não precisava pensar muito nos problemas, pois aparentemente não existiam.

Enxergava tudo como se nos últimos quatro anos houvesse envelhecido e amadurecido uma vida inteira, e já não podia voltar a ser quem era. Sabida disso.

— Vou conversar com ela uma vez mais. Pode ser que esse seja o momento certo. Pode ser que sim. — Os olhos dela brilharam quando ela levantou a cabeça.

— Não desista da sua mãe, está bem? Ela precisa muito de você e te ama muito. — Jonathan falava como um adulto, como se realmente soubesse do que estava falando.

— Eu nunca desistiria da minha mãe. — Ela sorriu e fungou baixinho.

E então, como fosse a atitude mais comum do mundo, Jonathan se aproximou e a beijou nos lábios. Foi um beijo leve, lento, sem maldade. Ellen

PERIGOSAS NACIONAIS

sentiu seu mundo congelar por alguns segundos e em seguida voltar a girar.

— Você me beijou. — Sussurrou, quase sem forças.

— Desculpe, eu não...

— Me beije de novo. — Ela pediu, maravilhada. Aquela era a primeira vez que beijava alguém nos lábios. A primeira vez que beijava Jonathan.

— Não está chateada?

— É claro que não!

Ele a beijou novamente e Ellen sentiu como se pudesse tocar o céu, como se pudesse flutuar pelas nuvens, como se existisse em algum outro tipo de realidade onde a dor e a tristeza eram apenas parte de sua imaginação.

Quando abriu os olhos mais uma vez e o beijo terminou, soube que a vida não era perfeita.

Nunca seria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 2

Ellen voltou para casa se sentindo leve e até um pouco liberta, como há muito tempo não se sentia. Vez ou outra tocava os lábios, permitindo que os próprios pensamentos repetissem o momento do beijo.

Mas, assim que entrou em casa, seu sorriso se esvaiu. Adelina estava deitada na cama do quarto principal, ainda vestindo um pijama velho e com os cabelos completamente desgrehados. Seus olhos estavam vermelhos e havia uma garrafa de tequila praticamente vazia atirada ao chão.

Cada vez que via sua mãe tão perdida, Ellen tinha a impressão de que era capaz de qualquer coisa para fazer com que um sorriso, por menor que fosse, pudesse ressurgir naquela expressão triste. Mas nada que fazia, nem mesmo os maiores esforços, conseguiam tirá-la daquilo o que parecia ser uma batalha interminável.

— Filha... — A voz de Adelina estava engrolada pelo álcool. Parecia tão triste, tão inteiramente destroçada, mais até do que todas as outras vezes. — Você me perdoa?

Em silêncio, Ellen se aproximou lentamente e sentou na cama. Se assustou quando abaixou o olhar e percebeu que Adelina segurava firmemente, entre os lençóis, uma pistola com uma das mãos.

Mesmo sem perceber, toda a cor se esvaiu do rosto de Ellen. Sabia que aquela pistola representava a possibilidade de perder sua mãe a qualquer momento. E ainda que o fardo da tristeza

PERIGOSAS ACHERON

parecesse pesar dia após dia nas costas dela, não queria permitir que ela desistisse da batalha. Adelina precisava lutar, precisava acreditar que haviam um milhão de motivos para sorrir e mais outros milhões de motivos para ser grata.

— Está tudo bem, mamãe. — Ela tentou parecer o mais calma possível, mas todo o seu corpo tremia. Medo e desespero se infiltravam violentamente. — Está tudo bem.

Ellen levantou uma das mãos para acariciar os cabelos de Adelina como sempre fazia. Usualmente funcionava e a acalmava, mas logo os minutos se passaram e ela parecia cada vez mais agitada, perdida.

— Não, não está bem. — Completamente tonta, ela se afastou do toque da filha e caiu no chão, mas sem nunca soltar a arma. — Nada está bem. Eu não estou bem. Você não está bem. O seu pai não está aqui. Eu não posso continuar, eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

posso, eu não consigo, eu estou cansada. Você me perdoa? Eu preciso que você me perdoe, eu amo tanto você, eu amo tanto você, eu gostaria de ser uma mãe de verdade, eu gostaria de ser capaz. Me perdoe, por favor, minha querida, me perdoe...

— Você é a melhor mãe do mundo. — Ellen sentiu lágrimas se avolumarem em seus olhos e engoliu em seco, tentando ser forte. — A melhor mãe que alguém poderia sonhar em ter. Será que você não pode enxergar isso? Será que você não pode enxergar que não há nenhum motivo para que me peça perdão? Eu amo você, mamãe.

— Obrigada, minha filha. Minha Ellen.

— Você poderia me dar a arma? Pode ser perigoso e...

— Obrigada, minha Ellen. Eu amo você. Me perdoe. Obrigada. Eu amo você. — Lentamente, Adelina posicionou a pistola contra a boca e apertou o gatilho sem pensar duas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

Ou talvez ela já tivesse pensado demais nos últimos meses.

A verdade era que sua mente estava perturbada e criava armadilhas, fazendo-a acreditar que não era forte e que sua presença não fazia diferença alguma agora que seu marido já não estava.

O estrondo do disparo ecoou em toda a casa, quebrando o silêncio. Completamente horrorizada, Ellen soltou um grito de dor e medo. Quando a casa voltou a cair em completo silêncio, era como se o mundo tivesse parado e nada mais existisse, nada mais pudesse ser feito.

De maneira completamente inesperada, Ellen correu para debaixo da cama, fechou os olhos, colocou as duas mãos contra os ouvidos e ficou ali, encolhida e trêmula, durante horas. Seu coração estava acelerado, fazendo-a sentir-se tonta.

Não era capaz de chorar, não era capaz de

PERIGOSAS ACHERON

tomar atitude alguma. Tudo o que pôde fazer foi permanecer completamente imóvel, com os olhos cerrados, presa à uma escuridão interminável enquanto um zumbido incessante repercutia em seus ouvidos.

Não fora capaz de salvar a sua mãe, dizia para si mesma. Não fora capaz de fazê-la enxergar que era importante e amada.

A culpa invadiu seu peito, deixando-a quase sem fôlego. Por alguns segundos, pensou em pegar a pistola e fazer o mesmo, pensou em acabar com tudo aquilo de uma vez.

Nunca mais sentiria medo. Bastava apertar o gatilho, assim como Adelina fizera. No entanto, Ellen não se sentia preparada para partir. Adorava ver o sol se por ao entardecer, sentir o cheiro das flores, correr pela praça e se sentir viva. Ellen adorava viver.

Por isso, a ideia de tirar a própria vida

PERIGOSAS ACHERON

pareceu-lhe muito errada, inteiramente repulsiva.

Não sabia qual seria o seu destino dali em diante, não sabia o que aconteceria agora que estava completamente sozinha, mas preferia acreditar que a vida, mesmo com tamanha escuridão, ainda podia ser bela. Bastava buscar enxergar os tons certos de luz.

Sem perceber, Ellen adormeceu embaixo da cama e só despertou quando um pesadelo horrível tomou seus pensamentos. Trêmula, se perguntou se tudo aquilo não passava de uma falsa realidade, mas no instante em que desviou o olhar e viu o corpo estirado no chão, estremeceu e confirmou que a realidade podia ser muito pior do que um simples pesadelo.

Com toda a coragem que ainda lhe restava, Ellen se levantou e caminhou para a sala de estar. Lá, pegou o telefone e discou o número da polícia.

— Desculpe, senhora, mas estou ligando

PERIGOSAS NACIONAIS

para informar que a minha mãe acabou de tirar a própria vida e eu simplesmente não sei o que fazer.

Após isso, Ellen nunca mais foi a mesma.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 3

As horas seguintes foram verdadeiramente complicadas. Dois policiais chegaram primeiro e em seguida uma ambulância com dois paramédicos. Obviamente, o envio da ambulância fora apenas uma questão sistemática, afinal Adelina já estava morta há algum tempo.

Ellen parecia completamente em choque e teve muita dificuldade em falar quando um dos policiais se aproximou para conversar com ela. Após isso, uma assistente social também chegou.

A madrugada foi mais calma, mas não

menos dolorosa. A imagem de Adelina sem vida no chão atravessava os pensamentos de Ellen quase que a todo momento. Apesar do calor que fazia na cidade, Ellen se sentia fria. Mortalmente fria. Como se a qualquer momento, pudesse ter o corpo inteiro congelado e quebrado, em um sentimento de solidão e medo.

Era impossível saber exatamente o que aconteceria, afinal Adelina era a única pessoa próxima e familiar disponível para cuidar de Ellen. Portanto, agora estava sozinha e provavelmente iria para algum tipo de orfanato até que chegasse à fase adulta.

Na manhã seguinte, a assistente social Melanie Morgan retornou, mas dessa vez não estava sozinha. Ao seu lado, tinha a psicóloga Angelina Matthew. Ellen percebeu que Argelina tinha um olhar suave e calmo, e atitudes extremamente atenciosas. Melanie, notou, era um

PERIGOSAS ACHERON

pouco menos doce, mas igualmente atenciosa e gentil.

— Bom dia, Ellen. — disse Melanie de forma simplista. — Está é a senhorita Angelina Matthew. Ela estará responsável por acompanhar você por algum tempo.

— Talvez se a minha mãe tivesse sido acompanhada por um psicólogo, e um psiquiatra, provavelmente ela não teria feito nada do que fez. — Ellen tinha olheiras, parecia cansada. Era simplesmente impossível demonstrar qualquer tipo de simpatia ou ânimo quando o seu destino agora estava completamente incerto. Certamente, a vida como ela conhecia estava fadada ao fim.

— Às vezes, algumas dores são tão intensas que atuam como amarras. Nos impedem de buscar ajuda e conseguem fazer com que afundemos em um campo extremamente difícil de cegueira interna e solidão. — Angelina abriu um sorriso gentil e se

PERIGOSAS ACHERON

aproximou um pouco mais de Ellen. — Talvez esse tenha sido o caso da sua mãe. Os policiais me falaram sobre a conversa que tiveram com você. Eles me disseram que Adelina perdeu o marido há algum tempo e desde então mudou radicalmente.

— Sim. A mamãe mudou muito depois que o papai morreu. Eu juro que tentei fazer de tudo para trazê-la de volta, mas a mamãe não me ouvia. Não reagia. Eu juro que tentei e... — Ellen começou a tremer e seu rosto ficou completamente vermelho. Logo, lágrimas escorreram pelos olhos cansados. — Eu sabia que a mamãe precisava se sentir amada e eu tentava dar todo o amor do mundo para ela, mas não foi suficiente. O amor não foi suficiente.

Apesar de ter quatorze anos, Ellen pareceu uma garotinha inteiramente indefesa naquele momento. Trêmula e assustada, se encolhia como se estivesse com medo de alguma coisa. De

PERIGOSAS ACHERON

alguém.

— O que acha de conversamos um pouco?
Sozinhas.

— Tudo bem.

Juntas, Ellen e Angelina foram para o jardim. O sol estava brilhante e as nuvens sequer interferiam nos raios poderosos, que enchiam tudo de luz. Haviam girassóis no jardim, vários, e todos levantavam a cabeça com orgulho. Havia muita vida ali, como se nenhuma tragédia pudesse acontecer, como se a vida, de fato, pudesse ser boa e calma. Mas Ellen sabia que não era. Sabia que a paz era apenas uma ilusão.

Durante os minutos seguintes, Ellen falou sobre como o início da sua infância havia sido perfeita e como Adelina fora feliz. Enquanto falava, seu olhar parecia se perder em algum ponto, os pensamentos do passado tomando forma e cor em seu cérebro.

Para a surpresa de Angelina, Ellen não se fechou em si mesma. Falava com certa facilidade sobre os dias felizes, até sorria com ar de nostalgia. Mas, no segundo em que começou a falar sobre a época em que seu pai morrera e sua mãe começara a decair, Ellen se retraiu um pouco e começou a chorar.

Apesar de tudo, ela falava. Buscava a ajuda e o apoio que Angelina parecia disposta a dar, ainda que fosse extremamente difícil abrir o coração e falar sobre as próprias dores para uma completa estranha.

— Você acha que algum dia eu serei feliz?
— A pergunta surgiu de forma inesperada, advindo de um medo que pulsava há muito tempo dentro de Ellen.

— A felicidade está dentro de você. É claro que sempre teremos momentos desafiantes, como este que você está passando agora, mas nenhum
PERIGOSAS ACHERON

momento é eterno. Logo, razões para sorrir também se apresentarão nos seus dias. — Angelina sorriu, tentando soar clara e objetiva para que Ellen pudesse entendê-la. — Você ainda é muito jovem, ainda tem muito o que aprender. certamente logo aprenderá que a felicidade é uma construção, e é formada por uma série de momentos.

Enquanto as lágrimas escorriam, Ellen ficou apenas em silêncio, refletindo sobre cada palavra e se perguntando quando os momentos felizes começariam a acontecer.

Tudo parecia tão difícil agora, tão incerto. Ela desejava apenas ser capaz de poder assegurar a própria paz e nunca mais ter medo, nunca mais se sentir tão mortalmente sozinha.

Quando a conversa por fim terminou, Angelina se despediu e disse que logo teriam outra conversa. Demonstrou-se disposta a ouvi-la sempre que fosse necessário. E, logo em seguida, Melanie PERIGOSAS ACHERON

ressurgiu e sentou-se ao seu lado.

Parecia desconfortável e Ellen soube, simplesmente soube, que ela não trazia boas notícias.

— Também preciso conversar um pouco com você, Ellen.



Capítulo 4

Ellen estava cansada de precisar conversar, de ter que remexer nas próprias memórias e retomar momentos dolorosos. Queria apenas ouvir os pensamentos que clamavam por silêncio, para que pudessem se reorganizar, ainda que minimamente.

— Passei toda a madrugada lendo alguns registros e buscando formas de assegurar que você tenha um tutor legal disposto a oferecer os seus cuidados básicos. Os seus pais aparentemente não mantinham contato com grande parte dos familiares

distantes, o que era de se esperar, mas, entre um nome e outro, encontramos Anna Stephens, prima distante de Adelina, sua mãe. Ela é uma mulher casada, com dois filhos. O mais velho possui quinze anos e o mais novo catorze, assim como você. Anna não tem antecedentes criminais, tampouco seu marido.

Enquanto escutava a enxurrada de informações, Ellen se perguntou como a tal Anna aceitaria uma completa estranha em sua casa. Aquilo não fazia sentido. Sem dúvidas, a conexão sanguínea distante nunca seria o suficiente.

— Realmente acredita que ela aceitaria uma garota órfã em sua casa?

— Eu não acho, simplesmente. Eu tenho certeza. Anna já foi contatada e demonstrou-se verdadeiramente disposta a recebê-la. Obviamente, iremos pesquisar mais algumas informações, realizar algumas entrevistas, fazer perguntas, e

PERIGOSAS ACHERON

quando tivermos certeza de que ela é a pessoa ideal, passaremos a sua custódia para ela.

Melanie sempre soava extremamente profissional e até mesmo um pouco distante, mas ao mesmo tempo existiam faíscas em seu olhar, como uma vontade imensa de fazer a diferença.

Por isso escolhera aquele trabalho, por querer, de fato, dar esperança à pessoas que realmente precisavam de ajuda. Pessoas como Ellen.

— Ela aceitou? — Ellen ficou quase que boquiaberta, sem saber o que dizer. — Assim tão fácil?

— As pessoas não são tão más quanto você imagina, minha querida. — Melanie abriu um sorriso lento e preguiçoso, muito característico. — E eu prometo que farei tudo que estiver ao meu alcance para encontrar e garantir a oportunidade de recomeço que você merece.

— Obrigada. — Levantando o olhar, Ellen ainda tinha lágrimas escorrendo pelas bochechas. Parecia uma garotinha amedrontada, mas Melanie soube que aquela expressão de medo na verdade demonstrava coragem e força. Demonstrava uma grande vontade de continuar vivendo e lutando.

— Apenas estou fazendo o meu trabalho, não agradeça.

Sem ter mais o que fazer, ambas ficaram apenas em silêncio. Certa sensação de gratidão inundou o peito de Ellen.

Sim, ela sabia que Melanie estava apenas fazendo o próprio trabalho, e que faria tudo aquilo por qualquer criança sozinha que aparecesse nos registros de necessidade, mas ainda sim, todo aquele esforço e dedicação representavam muito. Representavam tudo.

— O que acontecerá agora?

— Você passará mais alguns dias

acompanhada até que alguns detalhes sejam acertados, após isso, será transferida para Nova York, cidade em que Anna está vivendo atualmente. Enquanto isso, você continuará sendo acompanhada pela nossa psicóloga local.

— Nova York? — Uma expressão de horror surgiu no rosto de Ellen, fazendo-a paralisar por alguns segundos. — Mas Nova York é muito distante de Cloudtown!

— Eu sei. A sua vida irá mudar um pouco. Será difícil, mas certamente você será capaz de se adaptar.

— O Texas é muito diferente, eu vejo coisas na TV, eu leio livros. A minha vida está destruída.

Com um suspiro, Melanie, se aproximou e levantou o queixo de Ellen. Seu olhar era sério e intenso, quase amedrontador.

— Vou te dizer uma coisa e quero que você nunca se esqueça. — Não esperou que a garota

PERIGOSAS ACHERON

respondesse alguma coisa, apenas seguiu em frente. — A vida vai te bater. Na verdade, a vida vai te espancar. E você vai sangrar por dentro. Os golpes vão doer. Não sou nenhuma psicóloga e não sei como fazer tudo isso soar mais doce, mas quero dizer que a vida será complicada, mas você, Ellen, sempre poderá seguir adiante. Não espere que as pessoas sintam pena da sua história, não espere que te abracem e te confortem. Você é a sua própria força. Posso ver isso em seus olhos. Não me decepcione. Quero encontrá-la daqui alguns anos e ter o prazer de saber que todo o meu esforço valeu a pena.

As palavras soaram duras e certeiras, mas reais. Ellen absorveu cada frase e as guardou em seu coração. Nunca esqueceria aqueles conselhos. Nunca se permitiria se sentir fraca. Saberá das próprias dificuldades e enfrentaria cada uma delas.

— Eu prometo que vou seguir em frente. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao ouvi-la falar, Melanie se levantou e se afastou sem dizer coisa alguma. Seus saltos pareciam um pouco inadequados no jardim e Ellen percebeu que ela caminhou com certa dificuldade de volta à casa.

Sozinha, Ellen se permitiu chorar, soluçar e até mesmo blasfemar contra qualquer deus que fora capaz de permitir que toda a sua vida fosse destruída daquela forma.

Nunca mais veria a sua mãe, pensou. Já não ouviria o som doce da voz que cantarolava ao amanhecer, fazendo panquecas com mel puro, tampouco a ajudaria a plantar os girassóis que ela tanto amava. Nada seria igual.

— Ellen? — A voz soou em seus ouvidos e ela olhou para trás. E ali, entre os girassóis e flores, Jonathan estava parado, com uma mochila nas costas e semblante preocupado.

Apesar de tudo, a presença dele foi capaz de enviar certa paz ao seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 5

Jonathan se aproximou com passadas um tanto inseguras, sem saber exatamente como agir. Apenas sentia que Ellen necessitava da sua presença, ainda que ele não conseguisse enxergar como poderia ser de grande ajuda tê-lo ao seu lado.

— As pessoas estão comentando bastante, mas não sei exatamente o que aconteceu. Você está bem?

Ele reparou que ela parecia extremamente pálida, como se pudesse se quebrar em um milhão de pedaços ao mais simples toque.

— A minha mãe morreu. — Foi tudo o que Ellen disse antes de abraçá-lo, se entregando por completo à aparente sensação de paz e segurança que somente ele trazia.

A verdade era que ela gostaria de falar muito mais, de explicar tudo e se esvaziar até que já não sentisse coisa alguma, mas não era capaz. Falara demais, sentira demais. E agora, tudo o que precisava estava dentro do abraço dele. Não era necessário que ele fizesse muito. Apenas um abraço, concluiu.

Aos quatorze anos, Ellen já vira e sentira mais do que o que muitos sentiriam. Precisara cuidar não apenas de si mesma, mas da sombra da mulher que sua mãe fora anos atrás. No entanto, agora que o ciclo havia acabado, era necessário começar outro, e ela tinha medo. Sentia-se horrorizada com a possibilidade de deixar a cidade que amava. Deixá-lo.

Nova York aparentava ser uma cidade verdadeiramente incrível, mas não para ela. Ellen sempre fora apenas uma garota que adorava a paz do campo, de sentir o ar puro e observar a vida simples de pessoas simples. Sua alma nunca fora ambiciosa, nunca precisara de mais do que o essencial. E o essencial, para ela, sempre esteve em Cloudtown.

Depois que muitos minutos se passaram, Ellen por fim levantou a cabeça. Tinha os olhos vermelhos e inchados, cansados.

— Eu vou precisar ir embora. — Sua voz soou frágil, quebradiça. — Vou precisar ir embora, Jonathan.

Ele piscou algumas vezes, buscando compreender o sentido daquilo o que escapulia dos lábios dela.

— Do que está falando? — Jonathan a puxou pela mão e juntos entraram na casa, fazendo

PERIGOSAS ACHERON

com que ela se sentasse em um dos bancos da cozinha. — Vou fazer um chá para você enquanto escuto tudo o que você tem para dizer. A minha mãe diz que chá ajuda. Sempre ajuda.

Jonathan sentia que se continuassem com todo aquele silêncio, enlouqueceria. Seria capaz de tudo para ajudá-la, mas era impossível fazê-lo. Ellen perdera a única família, a mulher que sempre lhe servira de inspiração e motivo para seguir em frente. Como ele, um simples amigo, seria capaz de levantá-la? Talvez querer muito não fosse o suficiente. Talvez amar muito não fosse o suficiente.

E sim, Jonathan a amava. Pois sempre que ele pensava em um razão para sorrir, Ellen certamente estava presente em alguma parte. Existia o tipo de conexão entre os dois que muitos invejavam, pois a amizade era sincera e simples, pura. Sem interesses. Um cultivava a presença do

PERIGOSAS ACHERON

outro sem pedir nada em troca, sem amarras e cobranças.

Não era difícil enxergar que ambos ainda eram crianças tentando descobrir como crescer, lutando para controlar os próprios hormônios e desesperados para traçar o próprio caminho. Tentavam, como todo adolescente, ser grandes, ainda que não tivessem ideia de como fazê-lo.

— Eu vou precisar me mudar para Nova York. Agora que a minha mãe morreu, não tenho nenhum tutor legal. — Ellen soava como uma adulta, falando sobre a vida de outra pessoa, e não a própria realidade. — Segundo os registros que encontraram, tenho familiares em Nova York e precisarei me mudar para lá. Não poderei mais viver em Cloudtown.

Mais uma vez o silêncio que Jonathan tanto odiava imperou no ambiente, pois ele não sabia como receber tal notícia.

— Você não pode ir embora. — Um pouco trêmulo, soltou a xícara em cima da pia e se apoiou em um dos bancos. — Não tem ninguém que possa estar com você aqui?

Ela suspirou profundamente e piscou várias vezes para afastar as lágrimas.

— Não. — Ellen abaixou a cabeça e soluçou. Não queria parecer escandalosa ou preocupar as outras pessoas. Sabia que Melanie provavelmente estaria na casa em algum lugar, por isso lutou para manter o controle.

Sentindo o coração acelerado, Jonathan voltou a abraçá-la e fechou os olhos. Não queria perdê-la, não agora. E em momento nenhum. Ela representava a melhor amizade que ele tivera na vida, representava também o início de um sentimento que até então ele desconhecia.

Queria poder seguir amando cada detalhe que Ellen representava, a cada segundo. Pois sentia

PERIGOSAS ACHERON

que se não o fizesse, estaria incompleto pelo resto dos seus dias.

Era estranho que um garoto da idade dele pudesse pensar em coisas tão intensas, mas Jonathan simplesmente pensava. Talvez aqueles fossem os resultados do primeiro amor, ou talvez ele estivesse correto. Talvez, Ellen de fato fosse o amor da sua vida. Como poderia saber?

E assim, naquele dia ensolarado que mais parecia cinza, iniciou-se a despedida dos melhores amigos do mundo inteiro. Ela, se descontruindo, minuto após minuto. Morrendo a cada noite e renascendo a cada manhã. Preparando-se para ressurgir em uma nova cidade, em um novo mundo. Sem Jonathan.

Ele, remoendo cada palavra, relembrando cada segundo. E desmoronando, ainda que todos que o vissem fossem incapazes de enxergar toda a sua fragilidade. A cada manhã que se passava,

PERIGOSAS ACHERON

perguntava a si mesmo se algum dia encontraria uma amizade tão verdadeira quanto a que ele tinha com ela e a resposta nunca mudava. Não, dizia para si mesmo. *Você nunca vai encontrar uma amizade como a dela.*

Por isso, por confiar no próprio coração, Jonathan prometeu para si mesmo que não deixaria que a distância interrompesse o que ele sentia por Ellen. Prometeu, acima de tudo, que nunca, nunca a esqueceria, ainda que os dias se tornassem meses, e os meses se tornassem anos.

Ele a amava. E por amá-la tanto, lutaria para manter vivo tudo o que sentia. Em seu coração. Em sua alma.



Capítulo 6

Os dias seguintes foram difíceis. Ellen acordava todas as manhãs aguardando novas notícias, sonhando com a possibilidade de permanecer em Cloudtown. Mas, como esperado, nada mudou.

A despedida de Adelina fora realiza de forma simples e sem muitas pessoas. E quando tudo terminou, Ellen voltou para casa e chorou até dormir. Era o que fazia o tempo todo. Chorava escondida, dormia e acordava novamente, sentindo a cabeça doer.

Melanie era uma mulher verdadeiramente dedicada. Fizera pesquisas, buscara documentos e inspecionara cada detalhe sobre Anna Stephens, a prima distante de Adelina. De fato, ela aparentava ser uma mulher muito bem resolvida, com uma renda razoável e sem antecedentes criminais. Seu marido parecia tão idôneo quanto a esposa, e juntos formavam uma família aparentemente sólida e estável.

Era óbvio que Melanie nunca poderia ter certeza, de fato, acerca dos pequenos detalhes. Muitas vezes, famílias sólidas e estáveis na verdade estavam dentro de um furacão, prestes a eclodir. Apesar de tudo, ela sentia que Ellen seria feliz com aquelas pessoas.

Enquanto as coisas se resolviam, Jonathan tentava ao máximo aproveitar o tempo que tinha ao lado de Ellen, buscando criar as melhores memórias e fazer com que ele se tornasse

PERIGOSAS ACHERON

inesquecível nos pensamentos dela.

Ele sabia, tinha total consciência, de que nunca a esqueceria. Aquilo era impensável. Mas, ainda que não admitisse, o seu maior medo era o de que Ellen acabasse se esquecendo dele com o passar do tempo.

A distância podia ser perigosa, ele bem sabia, E certamente Ellen encontraria pessoas muito mais interessantes em Nova York, com mais histórias, surpresas e detalhes surpreendentes. De repente, desde que soubera que ela partiria, certa insegurança surgira em seu peito, fazendo-o sentir-se triste durante quase o tempo todo.

Não era apenas Ellen quem estava sofrendo. Jonathan havia perdido peso, e seus pais perceberam as mudanças de humor. Mais calado e menos sorridente, parecia uma pessoa muito diferente do garoto que ele sempre fora.

Naquela tarde de domingo, provavelmente o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

último domingo de Ellen em Cloudtown, Jonathan a convidou para que pudessem caminhar pelo centro da cidade, tomar sorvete e comer alguma coisa ao entardecer. Caminhavam em silêncio. Ambos estavam diferentes, um tanto perdidos e quebrados.

— Como você acha que vai ser Nova York?
— perguntou ele, inseguro.

— Não sei. Eu estou assustada. Tudo é muito grande, você sabe. Acho que vou me sentir perdida o tempo todo. — Ellen fazia pesquisas sempre que podia, buscando fotos, informações e detalhes, tentando tornar as coisas um pouco menos assustadoras, mas era difícil. Sua ansiedade crescia a cada dia que se passava.

— Um dia iremos nos ver outra vez? — Aquela era a primeira vez que Jonathan tinha coragem de fazer tal pergunta. Estava com medo de ouvir a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu tenho certeza de que sim. Um dia. O mundo é grande, mas somos maiores, acho.

— Somos maiores, sim. — Ele reafirmou as palavras dela, mas se sentia pequeno. Se fosse grande o suficiente, certamente seria capaz de impedir a partida da sua melhor amiga. — Promete que iremos nos ver outra vez algum dia? Promete de verdade?

Ellen não sabia se podia prometer aquilo, afinal não tinha ideia do que a esperava em Nova York, mas de alguma forma, sentia que o seu destino estava ligado ao de Jonathan. Como sempre pensavam, talvez fosse apenas o resultado de uma paixão adolescente, que sempre parecia intensa e grandiosa demais.

No entanto, ambos preferiam acreditar que aquilo o que sentiam era eterno, pois antes de sentirem qualquer coisa parecida com paixão, já eram amigos. E se amavam.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu prometo dar o melhor de mim para ver você outra vez. — Ellen sorriu, sentindo-se grata por ter alguém como ele em sua vida, alguém que era capaz de trazer tamanha paz. — Não posso dizer como as coisas vão acontecer. Eu estou com medo. Mas darei tudo de mim para voltar a ter você, a sua amizade.

Aquilo não pareceu ser suficiente para Jonathan. Ele precisava de uma certeza, de algo que pudesse confortar a insegurança que crescia em seu peito. Precisava, acima de qualquer coisa, saber que voltaria a abraçá-la e senti-la como sempre fazia.

— Eu prometo que estarei aqui, esperando por você. E se você não voltar, serei para sempre seu. — Era impossível acreditar que um adolescente tão jovem pudesse ser capaz de dizer coisas tão intensas, mas Jonathan as disse. Sem dificuldade e sem dúvida, pois tudo parecia certo e verdadeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando, por fim, Ellen se despediu daquela tarde e daquele último domingo em Cloudtown, sentiu seu coração aquecido e triste, amedrontado. Aquela era a sua cidade, o seu lar. Parecia-lhe completamente injusto que tudo aquilo estivesse sendo roubado das suas mãos sem que ela pudesse fazer nada.

Ao anoitecer, ela foi para cama cedo e ficou deitada, olhando para a janela enquanto pensava em sua mãe e na saudade que sentia dela. Pensou também em Jonathan, e em como logo o perderia também.

Com lágrimas nos olhos e fungando baixinho, Ellen concluiu que todas as pessoas que amava acabavam partindo em algum momento, deixando-a completamente sozinha, ainda que não quisessem. Com isso, sentiu medo de amar. Pois, assim como sua mãe lhe mostrara, amar machucava. Amor matava.

PERIGOSAS ACHERON

Por isso, naquela noite, prometeu que evitaria amar outras pessoas, evitaria se aproximar demais. Guardaria dentro do coração cada uma das pessoas que já passaram por sua vida e fecharia as portas, para que já não precisasse mais sofrer.

Ao fechar os olhos, Ellen relembrou o primeiro beijo, a forma como se sentira a garota mais feliz do mundo apenas porque se sentia amada, dentro de um porto seguro repleto de promessas e paz. E em seguida, relembrou também como o seu mundo desmoronara naquele mesmo dia.

A paz, concluiu, era apenas uma ilusão. Ninguém estava seguro o suficiente a ponto de viver com a garantia da felicidade.

Depois de tanto pensar, Ellen se sentiu cansada e uma dor de cabeça insuportável se infiltrou entre seus pensamentos. Irritada e até mesmo um pouco ressentida, ela dormiu em um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sono sem sonhos.

Ao menos ainda era capaz de fugir para um mundo onde não havia nada mais do que apenas silêncio e descanso.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 7

Dias depois, Ellen estava pronta para partir naquela manhã quente de quinta-feira. Trajava um vestidinho negro e tinha três maletas e uma mochila de mão. Era estranho pensar que toda a sua vida estava resumida somente àquilo. Apenas algumas roupas, alguns livros e fotografias. Mas o que mais ela poderia levar? Nada do que estava ficando era de fato importante.

E se pensasse bem, seria fácil admitir que estava basicamente sozinha. Ninguém mais importava além de Jonathan, então não existia

nenhum sentido em levar consigo o peso do passado.

Sabia que agora precisava tentar recomeçar e olhar adiante, ainda que não tivesse nenhum plano feito em sua cabeça e não fizesse ideia de como sobreviveria em uma nova realidade que seria ambientada em Nova York.

Mas, Ellen aprendera a ser forte. Era forte. Portanto, apesar de não saber como seguir caminhando, caminhava mesmo assim, afinal não havia outra opção.

Com seus cabelos presos de forma frouxa e tênis simples nos pés, ela caminhou na direção de Melanie, que a esperava pacientemente. Dali em diante, até mesmo aquela mulher, que aparecera em seu caminho por razões extremamente trágicas, iria sair da sua vida.

— Está pronta, querida?

— Não, mas irei estar.

Ao longe, Jonathan vinha correndo, esbaforido e com um olhar desesperado, claramente com medo de haver chegado tarde demais. Quando estava perto o suficiente, a puxou para um abraço e não disse nada por longos segundos.

Era simplesmente doloroso dizer adeus para alguém que importava tanto. Machucava. E Jonathan nunca pensou que perdê-la representaria sangrar por dentro em silêncio. Na verdade, nunca sequer pensou que um dia chegaria a perdê-la, afinal Ellen sempre esteve ao seu lado. Em todos os momentos. Mas já não estaria, e a realidade de tudo aquilo o atingia com força e velocidade, sem conceder tempo para pensamentos ou lágrimas.

— Você veio. — Sussurrou ela, tão baixinho que ele quase não pôde ouvir. Jonathan deveria estar nas aulas extras de verão, mas decidira vir. Por ela, ainda que fosse ter problemas para se justificar na escola depois.

— É claro que eu vim.

Melanie se afastou. Sabia que ambos precisavam de algum tempo para que pudessem conversar, se despedir. E apesar de já estar trabalhando na mesma área há anos, sentiu seu coração pesar um pouco pelos dois jovens. A vida, e a morte, definitivamente não eram justas, pensou. Tampouco piedosas.

— Espero que você encontre ao menos um pouquinho de tudo o que perdeu aqui. Espero que encontre paz e que possa sorrir todos os dias e que os seus novos amigos te façam acreditar que a vida é boa. Eu vou estar aqui, esperando por você. Vou estar aqui relembrando e torcendo para que você nunca perca esse sorriso, que é o mais bonito do mundo. Quero que você cresça. — Jonathan falava quase que de forma desesperada, e logo lágrimas escaparam. Seus olhos brilhavam e Ellen percebeu que nunca esqueceria aquele olhar triste de amor e

PERIGOSAS ACHERON

perda, de desolação. Guardaria para sempre a imagem dele, falando cada uma daquelas palavras. — Eu apenas gostaria de vê-la crescer, gostaria de crescer com você.

Ellen não soube o que dizer, pois sentia-se tonta, quase sem ar. Não queria ir embora. Queria poder ficar ali, naquela cidade onde era o seu lar. Como sobreviveria longe daquilo que fora o seu único e verdadeiro mundo durante toda a vida? E, acima de tudo, como sobreviveria sem a amizade de Jonathan?

As perguntas faziam com que ela se sentisse nauseada e seu estômago doía. Sem palavras, aferrou-se ao que Jonathan representava, tentando absorver cada segundo daquele momento, para que nunca se esquecesse quem era, de onde viera e quem a apoiara acima de todas as coisas.

Os minutos se passaram rapidamente e logo Melanie regressou, avisando que precisavam partir

PERIGOSAS ACHERON

ou aconteceriam atrasos na agenda.

— Eu amo você. — disse Jonathan com a voz trêmula.

— E eu amo você. — Ellen abriu um sorriso triste e se lançou contra ele para roubar-lhe um último beijo.

Sem dizer mais nada, virou-se e entrou no carro, fechando a porta e abaixando a cabeça, pousando-a contra as pernas enquanto sentia seu coração retumbar. Não queria olhar para trás, não queria ter a imagem de Jonathan tão desolado. Precisava guardar os bons momentos para que pudesse seguir em frente ainda que apenas com meras memórias.

Quando o carro deu a volta, Ellen por fim teve coragem de levantar a cabeça e encostar a testa na janela. As ruas passavam velozmente, mas seus pensamentos e lágrimas a impediam de ver adequadamente qualquer coisa.

Por outro lado, sozinho, Jonathan ficou um bom tempo sentado, apenas observando as flores e se perguntando como as coisas poderiam ser simplesmente tão complicadas.

Muito tempo se passou quando ele por fim se levantou e partiu de volta para casa, caminhando lentamente com as duas mãos nos bolsos.

A cidade parecia tão calma, tão silenciosa e pacata. E mesmo assim, dentro dele, era como se um vendaval consumisse seus pensamentos, deixando-o perdido e sem vontade alguma de resistir.

Ele era jovem. Não conhecia a força dos impactos que a vida costumava dar. Aquela era a primeira vez em que se via, de fato, completamente impotente. E certamente, depois daquela perda, nunca mais voltaria a ser o mesmo. Como poderia?

Ao chegar em casa, não disse coisa alguma. Apenas foi na direção do quarto e se trancou,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ativando uma *playlist* em volume máximo nos aparelhos de som e se perdendo entre os próprios pensamentos e as letras das músicas.

Sabia que aquela dor iria passar um dia. Sabia que as pessoas iam embora quando precisavam ir, e sabia também que às vezes nada mais podia ser feito além de apenas sentir.

E certamente Jonathan estava sentindo. Não sabia dizer exatamente o quê, mas era uma mistura de vazio, dor e perda. Tudo ao mesmo tempo.

Como esperado, ele não voltou a vê-la nos anos seguintes.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 8

Ellen tivera extrema dificuldade para se adaptar no decorrer dos meses seguintes. De fato, Nova York era muito maior do que ela sequer um dia imaginara, fazia com que ela se sentisse minúscula e insignificante em meio a tantas pessoas tão diferentes e completamente distantes da realidade em que ela já estava acostumada.

Na escola, os adolescentes não eram tão simpáticos quanto os de Cloudtown. Havia certo ar de frieza e superioridade que a deixava irritada.

Já na casa dos Stephens, Ellen tinha um

PERIGOSAS ACHERON

quartinho, que na verdade fora um espaço reservado para servir como um depósito. Apesar disso, era confortável e parecia ser o suficiente para ela.

Os dois filhos de Anna, Gregory e Paul, eram extremamente atenciosos. Tentavam de todas as formas fazer com que Ellen se sentisse feliz, e por isso, sempre a acompanhavam na escola, evitando deixá-la sozinha e defendendo-a quando algum engraçadinho tentava fazer piadas acerca do seu sotaque, ou da sua timidez. Gregory e Paul eram realmente adoráveis e muito unidos. Ellen certamente gostaria de haver tido a oportunidade de construir uma conexão de sangue assim com alguém da própria família.

Apesar de serem tão unidos, os irmãos eram muito diferentes. Gregory tinha uma personalidade calma e dócil, adorava livros de aventura e sempre parecia estar escutando música através dos fones de

PERIGOSAS ACHERON

ouvido. Seus cabelos eram loiros com tons acinzentados e os olhos azuis lembravam o mar. Suas roupas costumavam ter tons escuros, e Ellen considerava que ele se vestia muito bem. Namorara por alguns meses com uma garota da escola, mas logo voltou a estar solteiro e não tinha nenhum interesse de se relacionar com alguém outra vez.

Anna concordava com a ideia do filho. Para ela, ambos eram jovens demais para estarem namorando, ou se apaixonando e tendo os corações quebrados.

Paul, por sua vez, aparentava ser o completo oposto de Gregory. Odiava ler, mas adorava jogos de computador e aplicativos de realidade aumentada. Por qualquer lado que se olhasse, era óbvio que Paul se tornaria um homem dos números. Seus cabelos também eram loiros, mas muito mais escuros do que os do irmão. Os olhos azuis, mais pareciam verdes do que qualquer outro tom. Já suas

PERIGOSAS ACHERON

roupas eram menos sérias do que as de Gregory e menos caras também.

Paul se assumira gay dois meses após a chegada de Ellen na família. Fora um dia depois do seu aniversário de dezesseis anos.

Era uma manhã de sábado e Paul acordara cedo, antes que seu pai saísse para trabalhar. Juntos, pai, mãe e filho, sentaram-se à mesa e começaram a conversar.

— Você nunca pede para conversar. O que aconteceu? — Perguntara Richard Stephens com um olhar especulativo.

O garoto ficara em silêncio por um bom tempo e em seguida criara coragem para falar.

— Eu sou gay. Não sei outra maneira de contar, por isso sinto que tudo o que posso fazer é apenas dizer. — Paul tremia, olhando atentamente para Richard e Anna, tentando encontrar qualquer sinal de raiva ou decepção. E não encontrou.

Obviamente os dois ficaram chocados e sem palavras por alguns segundos, mas logo Anna olhou na direção de Paul e sorriu.

— Nós amamos você, filho. E agradecemos por você nos contar. Por confiar em nós. — Anna não segurara as lágrimas quando se levantara da cadeira e se aproximara do filho para abraçá-lo.

Aquele fora o melhor abraço da vida de Paul. Ali, ele se sentira em casa, seguro. Amado e aceito.

— Eu criei você para ser um homem, Paul. E a cada noite, quando fico de olhos abertos pensando antes de dormir, eu concluo que fiz um trabalho realmente bom com você e o seu irmão. Vocês são homens de verdade. Homens que eu me orgulho em chamar de filhos. Se você gosta de garotas ou de garotos, isso é algo seu consigo mesmo. A sua mãe e eu amamos você de qualquer jeito. O respeito com que você nos trata, a maneira

como você recebeu Ellen e cuidou dela como uma verdadeira irmã, os seus sorrisos que enchem toda a casa, o seu olhar que parece dizer mais do que tudo no mundo... Tudo isso é o que realmente importa. Tudo isso é o que faz com que eu ame você cada dia mais. — Richard soluçara e se aproximara para envolver o filho em um abraço. Ali, os três estiveram unidos e em lágrimas.

Depois, Paul não falara mais nada. E quando Richard estava prestes a sair de casa para ir ao trabalho, passara as mãos em seus cabelos.

— Obrigado por confiar em nós para falar sobre o que você sente.

Ellen soubera de toda a história no mesmo dia do ocorrido. Paul contara tudo de forma muito intensa e animada, e até voltara a chorar enquanto relembrava. Por alguns poucos segundos, Ellen o invejara um pouco, pois queria ter seus pais de volta para que pudesse se sentir parte de algo assim

outra vez.

Quando dois anos se passaram, as coisas se complicaram um pouco, pois Anna engravidou. Nove meses depois, um novo garoto nascera após muitas complicações durante o parto.

Gregory e Paul se sentiram muito assustados com a possibilidade de perder a mãe, e Ellen mais ainda. Apesar de tudo, aquele era o seu lar e Anna fora a responsável por inseri-la naquela família, amando e aceitando mesmo com tantas turbulências econômicas que aconteciam vez ou outra.

Adam, o bebê, era realmente carismático. Todos o amaram no segundo em que o conheceram. E quando Anna voltou para casa, Ellen a ajudara de todas as maneiras possíveis, até mesmo durante a madrugada. Não por se sentir obrigada, mas porque realmente adorava estar com o menino.

Paul fora o primeiro a partir para a
PERIGOSAS ACHERON

universidade. Por opção própria, fora sozinho e sempre que ligava, parecia feliz com os amigos do dormitório.

Logo em seguida, pouco mais de um ano depois, fora a vez de Gregory e Ellen saírem de casa. E ambos decidiram permanecer em Nova York.

Gregory visitava os pais nos fins de semana, mas vivia em uma república com outros estudantes. Ellen, que recebera uma boa herança da família, alugara um pequeno apartamento.

O espaço, apesar de pequeno, era adequado. Ellen não precisava de muito, afinal ia para casa basicamente apenas para dormir. Estudava e ainda trabalhava aos fins de semana para que não gastasse todo o dinheiro que seus pais haviam deixado.

Nos primeiros meses de Ellen em Nova York, Jonathan enviava uma carta por semana, às

PERIGOSAS ACHERON

vezes até duas. Quando os meses viraram anos, a frequência diminuiu, mas ele sempre mandava.

Logo, o celular virou algo popular e passaram a trocar mensagens. E apesar da distância, nunca perderam o contato.

No entanto, como Ellen vivia em Nova York e Jonathan seguia morando em Cloudtown, ambos haviam se tornado, basicamente, amigos virtuais, afinal não se viam há bastante tempo.

Se Ellen fosse muito sincera, poderia admitir para si mesma que a amizade só se sustentara porque Jonathan de fato insistira. Por ter uma vida agitada e cheia de afazeres, ela se esquecia de responder as mensagens ou até mesmo de ligá-lo quando marcavam algum horário.

Não que ela já não o amasse, pois o amava. Desde que partira, não se relacionara com nenhum homem. E não queria. Simplesmente não sentia vontade e tampouco tinha planos de mudar a

PERIGOSAS ACHERON

situação.

Parecia-lhe perda de tempo investir a própria saúde emocional em pessoas que muito provavelmente sairiam da sua vida por algum motivo. A verdade era que estava cansada de ter o coração partido e se sentir triste, por isso evitava se aproximar muito de qualquer pessoa.

Na sua formatura, Ellen proferiu um belo discurso de agradecimento à família Stephens, por todo o amor e por tê-la acompanhado nessa jornada rumo a fase adulta.

Paul, aos vinte e poucos anos, encontrou Pierre, um francês dois anos mais velho que adorava tecnologias. Estavam felizes e se casaram um ano após se conhecerem. Pretendiam adotar uma criança em breve, mas não exatamente naquele momento.

Já Gregory permaneceu solteiro, com apenas alguns relacionamentos esporádicos, mas

PERIGOSAS ACHERON

nada sério o suficiente.

E, quando por fim o percurso acadêmico terminou, Ellen se sentiu perdida, sem saber qual caminho seguir. Passou meses sem conseguir encontrar um emprego que valorizasse seu mérito e foi obrigada a aceitar continuar trabalhando em locais que pagavam mal.

A realidade servira como um soco em seu estômago, desmoronando seus sonhos e expectativas. Logo, seus gastos já começavam a se tornar maiores do que os ganhos, e Ellen ficou um pouco desesperada com a ideia de se afundar em dívidas.

Até que certo dia, Jonathan enviou uma mensagem que mudou a sua vida.

“Quando você irá voltar para casa? Eu ainda estou esperando por você.”

Ela não tivera planos de voltar a viver em Cloudtown, ao menos não naquele momento. Mas

PERIGOSAS ACHERON

ao lembrar toda a história que formara ao lado de Jonathan, percebeu que precisava daquilo. Precisava começar de novo.

Assim, mais uma vez, Ellen reuniu os poucos pertences, se despediu da antiga vida e concluiu que Cloudtown nunca deixaria de ser o seu lar. Afinal Jonathan ainda estava lá. O seu Jonathan.

Por mais surreal que aquilo pudesse parecer, ela estava pronta para começar outra vez. Pois, exatamente como aprendera nos últimos anos, era uma profissional em se reinventar.



Capítulo 9

Durante os anos em que Ellen esteve em Nova York, Jonathan se manteve em Cloudbtown. Decidira não se matricular em nenhuma universidade e preferia simplesmente cuidar do rancho da família. De alguma forma, sentia que aquele era o seu talento.

A vida dele se tornara muito mais difícil durante algum tempo. Cerca de alguns meses após a partida de Ellen, a família dele recebera a notícia de que Rose, a mãe de Jonathan, estava grávida.

Até então, aquela podia ser uma notícia

maravilhosa, mas junto com os exames solicitados pelo médico, também veio a informação de que Rose estava com um câncer em estado avançado no estômago, o que complicara a gestação e a enfraquecera severamente.

Assim sendo, Jonathan não pudera ir à universidade nem se quisesse. E, de todas maneiras, ele nunca quisera. Cloudtown era o seu mundo, sempre seria.

Os nove meses foram um verdadeiro inferno para Rose. Ela perdera peso em uma velocidade assustadora e parecera cada vez mais pálida a cada dia que se passava. Robert, o pai de Jonathan, seguia trabalhando no rancho e cuidando das finanças da família.

Portanto, Jonathan ficara incumbido de cuidar dos afazeres da casa e estar sempre presente para as necessidades de Rose.

Exatamente no dia em que completara o

PERIGOSAS ACHERON

quinto mês de gestação, ela perdera a consciência enquanto cozinhava e queimara o braço ao cair no chão com uma xícara de café. Sempre ao lado dela, Jonathan se encarregara de levá-la ao hospital.

A verdade era que a melhor opção, quando descobriram a gravidez, e a mais recomendada pelo médico, era a do aborto, mas aquilo fora uma ideia inaceitável para Rose, e por isso, pagara as consequências da própria escolha da pior forma possível. Sentia dores horríveis durante a noite e enfraquecia cada vez mais.

No sétimo mês, já não lembrava em nada a mulher que fora um dia. E Jonathan levava suas refeições na cama cuidando dela com carinho e paciência. Ele sabia que Rose não iria resistir. Simplesmente sabia. Por isso, durante o tempo que teve ao lado dela, tentou ser o melhor filho que uma mãe poderia ter.

Como esperado no nono mês, Rose

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começara a sentir a força das contrações exatamente no dia previsto. Com calma, Jonathan a levava para o hospital para que os médicos e as enfermeiras pudessem seguir com os procedimentos.

A dilatação dela fora lenta, e Rose parecia prestes a se quebrar a qualquer momento. Robert chegara pouco tempo depois, ainda com o chapéu de cowboy na cabeça e parecendo muito assustado.

Juntos, pai e filho, esperaram um bom tempo até que uma das enfermeiras por fim aparecesse para dizer que o bebê nascera com muita saúde. Era um menino e se chamaria Noah, por escolha de Rose. No entanto, ela morrera antes mesmo de conhecer o filho.

Apesar de ser algo esperado, Jonathan ficara em estado de choque durante um bom tempo. Para ele, era difícil seguir em frente e sair do luto. Afundou-se na responsabilidade de cuidar de Noah.

PERIGOSAS ACHERON

Sua vida basicamente girava em torno do menino.

Robert ficou preocupado, claro, mas ele também tinha as próprias dores para enfrentar. Por isso, se afastaram durante alguns meses e a casa ficou extremamente silenciosa sem a presença de Rose.

Enquanto os anos passavam, Jonathan deixara de ser um adolescente e se tornara um homem feito. Passara a ter barba e seus cabelos eram longos. Sempre os mantinha presos em um rabo de cavalo.

E apesar de Robert ser o pai de Noah, era Jonathan quem servia de exemplo. Educara o menino como se fosse o seu próprio filho, e dera o melhor de si para fazê-lo feliz.

A ausência de Robert nunca fora, de fato, comentada. Ele cuidava do rancho, lançava ordem aos empregados, mantinha os negócios em ordem e até mesmo ensinava algumas coisas para Jonathan

quando tinha tempo, mas nunca, nem mesmo por um dia, demonstrara qualquer tipo de afeto por Noah. Era como se o enxergasse como uma criança amaldiçoada, que levaria sua esposa para longe.

Era simplesmente difícil demais olhar para o responsável da morte de Rose. Ele sabia que a criança não tinha culpa, mas ainda sim era quase impossível não sentir nada. Por isso, preferia manter distância e manter a mente ocupada com o trabalho.

O que Robert nunca entendera era que Jonathan precisara de ajuda. Precisara de um pai. Afinal quando Rose morrera, ele não tivera nenhum porto seguro que pudesse ajudá-lo a se levantar e seguir em frente. Fora obrigado a fazê-lo sozinho.

Assim sendo, Jonathan não perdera somente a presença da mãe, mas a de seu pai também. Talvez, Noah fora a única motivação que ele tivera para poder sair do luto e tomar as rédeas da própria

vida outra vez.

Cerca de seis anos após o nascimento de Noah e a morte de Rose, Robert sofrera um acidente enquanto trabalhava no rancho. Caíra do cavalo e tivera problemas internos graves. Por já estar com a saúde já há muito prejudicada pela depressão e a tristeza, não conseguira lutar por muito tempo e morrera um mês depois, deixando Jonathan sozinho com Noah e todo o rancho.

Dali em diante, Jonathan reorganizara a vida e reaprendera a viver com a responsabilidade de dar ordens a vários empregados e ainda cuidar de uma criança que dependia inteiramente dele. E, mesmo com tantos problemas, nunca se esquecera de manter contato com Ellen.

Obviamente que as cartas foram ficando cada vez mais escassas, e Jonathan percebia que ela já não parecia tão interessada nas histórias que ele tinha para contar. As pessoas mudavam, faziam

PERIGOSAS ACHERON

novos amigos e criavam novos laços, ele bem sabia.

Por algum tempo, até pensara em desistir, mas logo lembrava da promessa que fizera. Nunca deixaria que o sentimento de amor e carinho se apagasse, pois, mesmo partindo, Ellen sempre representaria uma parte importante em sua vida.

No entanto, não podia esperar por ela durante a vida inteira. Precisava, e queria, formar uma família, ter filhos e encontrar uma esposa que pudesse amá-lo, afinal todos precisavam de amor. E ele não seria uma exceção.

Por isso, em um dia em que acordara se sentindo triste, sozinho e chateado, decidira que escreveria uma última vez para Ellen, dando-lhe a chance de renovar as suas esperanças, ou de destruí-las por completo.

“Quando você irá voltar para casa? Eu ainda estou esperando por você.”

As palavras foram simples e diretas, pois ele já começava a se sentir um pouco cansado de esperar por alguém que aparentemente nunca viria.

Ellen demorou dias para responder. E Jonathan até começou a acreditar que o silêncio era a resposta mais sincera que ela podia dar. Por isso, após uma semana, ele simplesmente aceitou que Ellen nunca mais voltaria e que talvez fosse hora de seguir em frente, buscando alguém que de fato tivesse interesse em estar ao lado dele.

Mas foi ao anoitecer de uma sexta, quando ele havia acabado de chegar em casa e estava preparando o jantar para Noah, que seu celular vibrou com o aviso de uma mensagem.

“Talvez seja hora de voltar para casa.

Estou com saudades de você.”

Ele sentiu o corpo inteiro tremer. Não sabia bem o motivo, mas de repente, era como se voltasse a ser o adolescente que fora um dia, e aquilo o

PERIGOSAS ACHERON

incomodou. Era perigoso entregar o coração de forma tão fácil a alguém que esteve longe durante tanto tempo.

Parecia-lhe assustador pensar na ideia de que o silêncio de Ellen fora capaz de destruí-lo por alguns dias, e que uma simples mensagem como aquela o deixava feliz como nunca antes.

Sem querer pensar muito no assunto, Jonathan deixou o celular de lado, terminou o jantar e chamou Noah para que pudessem comer juntos. Faziam aquilo todos os dias.

— Você está estranho. — disse Noah de forma observadora. Era um garoto inteligente e observador.

— Estranho? Como?

— Você sempre faz perguntas. Como foi a escola? Como está se sentindo? Está feliz? O que acha da comida? Qual filme vamos ver hoje antes de dormir? Terminou de ler o livro que comprei

para você? E hoje, você não falou nada. — Noah abaixou o olhar e suspirou, de repente parecendo um pouco triste e preocupado. — Está chateado comigo?

Jonathan sorriu e estalou a língua, sentindo-se grato pela preocupação do irmão.

— É claro que não estou chateado como você. E eu não estou estranho. Isso é coisa da sua cabeça. Agora coma, ou ficará muito tarde para que possamos ver o filme de hoje.

— A comida está boa. — Disse Noah ao dar uma garfada.

— É claro que está, fui eu quem fiz. Óbvio que estaria.

Noah riu e Jonathan abaixou a cabeça para continuar comendo em silêncio, pensativo.

Ellen voltaria, disse para si mesmo. Não sabia o que aquilo significava, mas sabia que aquela era a melhor notícia que ele poderia receber.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10

Demorou apenas algumas semanas para que Ellen organizasse os próprios pertences e pedisse demissão do emprego horrível em que estava. Tanto Richard quanto Anna ficaram chocados com a notícia, mas concordaram que talvez o melhor fosse recomeçar em uma cidade menor, onde o custo de vida era um pouco menos agressivo e o estilo para se viver era claramente mais pacato.

Ellen precisava de um recomeço, pois estava psicologicamente exausta. Passava noites insone, preocupada com as próprias finanças e se

PERIGOSAS ACHERON

perguntando como poderia avançar na carreira.

Haviam detalhes que não dependiam apenas dela. Ellen se formara em design gráfico, mas o mercado buscava profissionais com experiência, e ela basicamente não tinha nenhuma. Como ela poderia ter experiência, se ninguém lhe dava a oportunidade de trabalhar?

Alguns meses após a sua formatura, descobrira um sistema para *freelancers* onde era possível oferecer serviços para clientes do mundo inteiro sem sair de casa, mas aquilo ainda não era o suficiente para sustentar uma vida em Nova York.

Com os trabalhos que tinha agendados e os possíveis projetos que ainda estavam aguardando aprovação, Ellen provavelmente viveria de uma maneira muito mais tranquila em Cloudtown. Além disso, pretendia também abrir uma pequena loja de artesanato no centro da cidade e dividiria os seus dias entre ambos os negócios.

Antes de, de fato, partir para Cloudtown, procurara um bom apartamento mobiliado e uma área comercial que servissem aos seus interesses. Assinaria os contratos quando chegasse, para que assim pudesse avaliar o ambiente pessoalmente.

E assim, quase dois meses após receber a mensagem de Jonathan, Ellen aterrissou em Cloudtown com apenas algumas malas e sonhos no coração, exatamente como partira muitos anos antes.

Ela estava ansiosa enquanto esperava para receber as malas. Suas mãos estavam frias e os olhos cansados. Não dormira durante a noite anterior e tampouco durante o voo.

Reencontrar Jonathan era intimidador. E se ele já não a amasse? As pessoas mudavam, ela mudou. Talvez ela já não fosse tão interessante ou atraente como antes. O tempo e as preocupações foram responsáveis pelo surgimento de marcas em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu rosto, mas apesar de tudo, ainda se considerava uma mulher bonita.

Não que tivesse uma beleza estupidamente especial. Definitivamente não acreditava que tivesse. Quando se olhava no espelho, enxergava apenas uma mulher normal, assim como tantas outras no mundo inteiro. E era exatamente na normalidade que existia a sua beleza.

Mas talvez, Jonathan não estivesse interessado no que ela tinha a oferecer. Não mais. Como poderia saber?

Apesar de manterem contato durante todos aqueles anos, não podiam se considerar suficientemente próximos.

Tirando-a do torpor e dos pensamentos conflitantes, as malas apareceram na esteira e Ellen correu para pegá-las, uma por uma. Estavam pesadas e foi difícil carregar tudo sozinha para colocar em um dos carrinhos do aeroporto.

PERIGOSAS ACHERON

Fora uma atitude assertiva decidir vestir roupas confortáveis e tênis surrados. Assim, não sofreria com saltos altos e tampouco precisaria se preocupar com a sensibilidade das roupas.

Por outro lado, não conseguia imaginar nenhuma forma de impressionar Jonathan com a sua beleza. Aparentava ser apenas uma mulher cansada, com sono e ansiosa.

Certamente ele ficaria muito decepcionado, concluiu. E aquele pensamento a entristeceu.

Jonathan era o único homem que amara em toda a vida. Nunca se interessara por alguém. Nunca se permitira. Gostaria de poder impressioná-lo de alguma forma. Rogava aos céus para não perdê-lo assim como perdera todos os laços de sua família em Cloudtown.

Tivera sorte com os Stephens. Seria eternamente grata por todo o carinho que recebera, além de todo o investimento que a família fizera em

PERIGOSAS ACHERON

seu bem-estar e conforto.

Tanto Paul quanto Gregory eram como irmãos para Ellen. Mesmo adultos, continuavam tão atenciosos como sempre. Vez ou outra ligavam para perguntar como ela estava e faziam questão de visitá-la sempre que podiam. Obviamente, tudo aquilo seria um pouco mais difícil agora que estavam tão longe, mas certamente nunca deixariam de viver em seu coração.

Caminhando lentamente pelo aeroporto, Ellen não queria chegar à saída. Se sentia insegura, amedrontada. E se ele não estivesse esperando por ela? Poderia haver esquecido, ou se arrependido.

Quando as portas se abriram, ela olhou para todos os lados, buscando o rosto conhecido em meio a multidão.

E ali estava Jonathan, com um garotinho ao seu lado. Pelas fotos que ele sempre mandava, provavelmente aquele era Noah, seu irmão mais

PERIGOSAS ACHERON

novo.

Ele a avistou e ela pôde perceber que todo o seu rosto se iluminou. E, quase que automaticamente, os olhos dele se encheram de lágrimas.

Ellen não conseguiu se mover. Suas pernas tremiam em demasia. De repente, sentiu-se quase débil por não conseguir sair do lugar.

Jonathan estava lindo, percebeu ela. Seu rosto era como esculpido em mármore, os maxilares muito bem desenhados e os cabelos longos soltos, dando-lhe um ar selvagem. Os olhos brilhavam com as lágrimas. A barba estava bem-feita e havia um sorriso imenso em seus lábios.

Era estranho perceber que ele já não era um simples garoto. Era estranho ver com os próprios olhos, ao vivo, que Jonathan agora era um homem feito.

Um pouco tonta, ela se apoiou no carrinho

das malas e inspirou profundamente. Quando levantou a cabeça outra vez, percebeu que ele caminhava em sua direção com passadas largas.

— Ellen! — Exclamou, passando uma das mãos nos olhos para espantar as lágrimas. Noah apenas olhava de um para o outro, com os olhos arregalados.

Nunca vira seu irmão chorar por alguém, nem mesmo quando seu pai morrera. Por isso, era surpreendente vê-lo tão frágil e entregue.

— Jonathan — A voz dela soou quebradiça e sem forças. Ela estava tão feliz em vê-lo, tão emocionada, que sequer conseguia reagir. Logo, de um segundo para o outro, ao escutar a voz dele, tão encorpada e masculina, começou a chorar como há muito tempo não fazia. — Eu senti muitas saudades de você.

Soluçando, Ellen deu um passo atrás do outro, lentamente, e o abraçou, atirando-se em seus

PERIGOSAS ACHERON

braços.

E pela primeira vez em anos, ambos se sentiram de volta ao lar. Ao único e verdadeiro lar.



Capítulo 11

Ellen já não era a mesma, percebeu ele no segundo em que a avistou. Estava mais bonita e madura, parecia realmente o típico estereótipo de uma mulher moderna da cidade grande.

Aquilo o chocou por alguns segundos. De repente, certa insegurança surgiu em seu peito.

Jonathan nunca partira de Cloudtown. Fincara raízes nas próprias terras, cuidara do rancho da família, fora um pai para Noah e sacrificara toda a sua juventude em nome das pessoas que amava.

Nunca partira em uma aventura, nunca desbrava o mundo. O seu mundo era apenas o que ele conhecia e as pessoas ao seu redor.

Como ele, um homem tão simples e pacato, poderia chamar a atenção de uma mulher como Ellen?

Ela parecia sofisticada agora. O tipo de mulher que intimidaria qualquer homem. Passava força e inteligência apenas com um olhar.

Quando enfim decidiu se aproximar e ela se jogou em seus braços, sentiu-se tolo pela insegurança inicial. Aquela era a sua Ellen. Ambos haviam mudado, mas continuavam pertencendo um ao outro.

— Você está incrível! — Ele sussurrou ao ouvido dela, entre lágrimas, enquanto a abraçava. — A mulher mais incrível que eu já conheci.

Naquele instante, Ellen soube que Jonathan nunca deixaria de ser o homem da sua vida. Antes

PERIGOSAS ACHERON

de dizer que ela estava bonita, ou diferente, ele disse que ela era incrível. *Incrível.*

Aquela palavra ia muito além da beleza, muito além das roupas que ela estava vestindo. Dizer que alguém era incrível significava que, aparentemente, ele a enxergava como um todo.

Quando o avião aterrissara, Ellen se sentira péssima por sua aparência extremamente simples. Agora, depois das primeiras palavras dele, seu coração se acalmou e um sorriso ainda maior surgiu em seu rosto.

Ela se sentia incrível.

— Obrigada. — Ellen estava um pouco sem jeito. — Você também está incrível. Sempre esteve.

Jonathan tinha o corpo claramente forte e rígido, tudo causado pelo trabalho braçal no rancho. Seu cheiro era uma mistura de loção pós-barba e um perfume amadeirado que inebriava os sentidos dela.

— Oi! Você é o Noah, não é? — Quando o abraço com Jonathan terminou, ela se abaixou para cumprimentar o garoto que apenas observava tudo sem dizer uma palavra sequer.

— Sim, sou o Noah. — Ele encontrava dificuldades de pronunciar a letra “s”, pois tinha a língua levemente presa. Era um garoto adorável e extremamente parecido ao irmão mais velho.

— Muito prazer. Eu sou a Ellen. Fui a melhor amiga do seu irmão muitos anos atrás. — Ela fez uma longa pausa, observando o rosto do menino. — Você se parece muito com o Jonathan quando ele tinha a sua idade. Estou um pouco assustada.

Noah riu e deu de ombros.

— Acho que não. O Jonathan é feio demais para se parecer comigo.

— Aparentemente vocês se esqueceram que eu ainda estou aqui e ainda estou escutando vocês

falando sobre mim. — De forma atenciosa, Jonathan começou a empurrar o carrinho com as malas para que pudessem ir na direção da saída do aeroporto.

Lançando uma piscadela na direção de Noah, Ellen deu-lhe uma cotovelada de leve e sussurrou como se estivesse contanto um segredo.

— Certo, admito que você é muito mais bonito do que o Jonathan, mas não diga isso a ele.

— Eu ouvi. — Disse Jonathan ao olhar para trás.

Todos riram enquanto iam para o estacionamento.

Enquanto caminhava, Ellen olhava para todos os lados, sentindo os cheiros e as sensações. O céu continuava tão lindo quanto antes. As pessoas, sempre muito gentis, pareciam estar sorrindo o tempo todo, ainda que algumas pudessem estar apressadas por algum motivo.

Algumas coisas nunca mudavam, concluiu ela. E a leveza da cidade, talvez, fosse uma dessas coisas.

Quando por fim entraram no carro e saíram da área do aeroporto, pegaram uma pequena estrada que dava na direção da região de Cloudtown. Tardaria cerca de uma hora até que chegassem, então tinham bastante tempo para que pudessem conversar.

— Você não me disse quanto tempo pretende ficar. — Comentou Jonathan em tom casual.

Um silêncio temporário se formou enquanto Ellen tentava escolher as palavras certas.

— Eu vou voltar a morar aqui. — Ela abriu um leve sorriso. — Talvez Nova York nunca tenha sido o meu lar de verdade.

A notícia pegou Jonathan de surpresa e ele até se desconcentrou um pouco enquanto dirigia,

PERIGOSAS ACHERON

mas logo voltou a manter a atenção na estrada.

— Você está falando sério?

— Sim. Reservei um hotel para ficar por alguns dias até que eu assine o contrato de aluguel de uma casa que encontrei no centro, e também pretendo abrir uma loja de artesanato. — Apesar de sempre conversarem, ela preferiu dar a notícia pessoalmente. Não queria assustá-lo com seus planos loucos.

— Isso é maravilhoso! — Na verdade, aquela era a notícia que ele esperara desde o dia em que ela partira. — E por que você ficaria em um hotel? Temos muito espaço no rancho e não vejo nenhum motivo para que você não fique conosco.

— Não quero incomodar. — Ellen se encolheu um pouco, tímida.

— Olha só a cara de bobo do meu irmão. Acha mesmo que ele irá se sentir incomodado? Venha ficar com a gente no rancho! — Noah

surpreendeu a ambos ao quebrar o silêncio.

— Você não pode recusar o convite de um garoto tão adorável quanto o Noah. Você seria uma bruxa horrível se o fizesse. Veja os olhinhos dele...

— Tudo bem. É claro que quero ficar com vocês no rancho! — Ellen sorriu e pareceu verdadeiramente animada.

Enquanto dirigia, Jonathan se virou rapidamente e lançou uma piscadela de agradecimento na direção de Noah.

O tempo passou e as conversas fluíram com facilidade. Tanto Jonathan quanto Ellen perceberam que os anos realmente pareciam não haver interferido na amizade que tinham, pois ainda havia a conexão. Ainda havia o amor.

Todos os medos de Ellen se dissiparam. Jonathan continuava sendo o seu melhor amigo, o homem da sua vida. O seu porto seguro.

Ela olhou de relance na direção dele e o admirou,

ainda sem acreditar que estava de volta. Sem resistir, abriu um sorriso bobo e abaixou a cabeça.

A sua vida nova estava recém começando. E Ellen se sentia ansiosa para descobrir o que estava por vir.



Capítulo 12

O rancho não havia mudado tanto quanto Ellen imaginava. O local continuava sendo extremamente aconchegante, como um lugar que convidava ao descanso, trazendo paz.

Após se acomodar em um dos quartos de hóspedes, e tirar algumas roupas de uma das malas, ela ficou sentada por um bom tempo, apenas olhando pela janela enquanto vários cowboys trabalhavam de um lado para o outro.

Ao longe, era possível ver a beleza da natureza, que se estendia até onde os olhos não

chegavam. Era primavera, então as flores estavam desabrochando, as árvores pareciam mais cheias e o clima tornava-se agradável.

Tirando-a dos seus pensamentos, a porta se abriu lentamente, fazendo com que ela olhasse para trás. Parado, segurando um livro em uma das mãos, estava Noah, com olhos curiosos.

— Jonathan disse para não incomodar. — Disse ele, envergonhado. — A porta estava um pouquinho aberta e eu pensei que talvez você estivesse acordada. Eu estava lendo um livro, mas cansei. Estou com o meu cachorrinho. Ele quer conhecer você.

— Entre, você não incomoda. Qual o nome do seu cachorrinho? — Ela se levantou e reposicionou a cadeira no lugar.

Animado e muito menos envergonhado, Noah abriu mais a porta e mostrou um cachorro *beagle* com manchas marrons e pretas. Era PERIGOSAS ACHERON

adorável e balançava o rabo de um lado para o outro rapidamente, claramente ansioso.

— O nome dele é Billy. — Pegando o animal nos braços, Noah se aproximou um pouco mais e o entregou a Ellen. — Ele tem dois anos.

O cachorro começou a lambar o rosto dela insistentemente, fazendo com que ela soltasse uma longa gargalhada.

— Eu sempre gostei muito de animais, principalmente cachorros, mas era um pouco difícil cuidar de um. — Ellen suspirou e fez carinho na cabeça de Billy. — Qual livro você estava lendo?

— *Escola: Os piores anos da minha vida*, do James Patterson. Eu realmente gosto da história do Rafe, mas passei as últimas duas horas lendo, então me cansei.

— Eu lembro que o seu irmão também adorava ler.

— Ele ainda adora. Lê sempre que pode e

PERIGOSAS ACHERON

fica muito irritado quando alguém interrompe seus momentos de leitura.

— Posso imaginar.

Com duas batidinhas na porta, Jonathan colocou a cabeça dentro do quarto e ralhou.

— Eu disse para você não incomodá-la, rapaz. — Ele levantou uma das sobrancelhas, sério.

— Ela disse que eu podia entrar.

— O garoto é um pouco ansioso às vezes.

— Afirmou Jonathan.

— Não importa. Ele me apresentou o Billy.

Assim, a conversa continuou por um bom tempo. Ela ainda estava se adaptando com a ideia de que voltara, verdadeiramente, para Cloudtown outra vez, para o rancho de Jonathan.

Quando ambos saíram e fecharam a porta, ela se permitiu relaxar e fechou os olhos, enroscando-se nos cobertores. Em poucos minutos, dormiu em um sono sem sonhos e só então admitiu

que estava realmente cansada.

Jonathan geralmente dormia cedo, mas não naquela noite.

Após mandar Noah para cama, conversar com alguns funcionários e caminhar um pouco pelo rancho, ele voltou para casa e decidiu preparar um jantar especial para Ellen.

Ela dormira durante um bom tempo e provavelmente acordaria em breve, por isso, ele preparou um risoto de presunto com verduras, carne ao molho e, como sobremesa, um bolo de cenoura com chocolate e pedaços de morango.

Sendo sincero, ele odiava cozinhar, mas tivera que aprender a fazê-lo quando sua mãe adoecera.

Apesar de terem tido uma vida econômica razoavelmente boa na época, a família não podia arcar com os custos de empregar alguém hábil para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

limpar a casa e cozinhar. Os gastos com os remédios, os diversos exames, as recaídas e enfermeiras tomaram basicamente toda a liberdade financeira dos Brooks.

Jonathan dera o seu melhor para manter a casa sempre limpa, e para preparar as melhores refeições não apenas para si mesmo, mas também para seus pais.

Depois, quando se vira sozinho com Noah, precisara aperfeiçoar ainda mais as próprias qualidades domésticas, ainda que odiasse estar na cozinha.

Mesmo após tanto tempo, a situação financeira do rancho ainda não havia se recuperado totalmente. Obviamente, era o suficiente para que Noah tivesse, de forma garantida, a oportunidade de ir à universidade no futuro, e também que pudesse viver bem, sem preocupações que pudessem afastá-lo dos estudos.

PERIGOSAS ACHERON

E definitivamente, o garoto era inteligente. Era muito bom nos esportes e costumava se destacar nas matérias relacionadas aos assuntos humanos e sociais. Por outro lado, tinha imensa dificuldade com números e problemas matemáticos.

Por ter uma enorme responsabilidade em suas mãos, Jonathan passara a estudar sobre as inseguranças de uma criança, seus medos, as etapas de desenvolvimento e tudo que pudesse servir durante a formação de Noah. Sentia que, aos poucos, se tornava uma versão melhor de si mesmo para que assim, o garoto pudesse crescer feliz.

Claro que nem sempre era fácil. Noah às vezes se revoltava e simplesmente se recusava a estudar tópicos relacionados à matemática e derivados. Segundo ele, sua cabeça entrava em parafuso e detestava ser obrigado a fazê-lo. Mas, entre as batalhas diárias, Jonathan conseguia

PERIGOSAS ACHERON

convencê-lo a seguir em frente.

Se alguém um dia o perguntasse, ele nunca admitiria, mas no mais profundo do seu íntimo, gostaria que Noah seguisse os seus passos e cuidasse do rancho no futuro. Contudo, era óbvio que aquilo não iria acontecer, o garoto não parecia ter interesse nenhum no tema.

O que Jonathan verdadeiramente sabia, sem nenhuma sombra de dúvidas, era que nunca deixaria de apoiar Noah. Nunca deixaria de amá-lo. Quaisquer que fossem as suas escolhas, ele estaria ao seu lado, sendo o pai que o garoto nunca tivera.

Estava cômico que não era perfeito, que às vezes errava e tinha as próprias inseguranças e medos, mas dava o melhor que podia. E todas as noites, antes de dormir, pedia aos céus que o seu melhor fosse o suficiente para Noah, afinal ele amava mais o garoto do que a si mesmo e definira, há muito tempo, que uma das suas missões sempre

seria fazê-lo feliz.

Jonathan estava terminando de pousar os talheres em cima da mesa que ficava localizada na parte exterior da casa, quando Ellen apareceu. Seus cabelos estavam um pouco bagunçados e havia certo ar de relaxamento e felicidade em seu semblante. Ao vê-la tão linda, ele sorriu.

— Acordou a bela adormecida. — Ele se sentia exausto. Seus olhos estavam caídos pelo sono e o corpo parecia clamar por um banho quente e uma cama confortável, mas, primeiro, gostaria de proporcionar um bom jantar à Ellen, afinal aquela era a primeira noite dela de volta à cidade.

— Está um pouco tarde, pensei que você já estivesse dormindo. Sei que precisa acordar cedo. — Ela se aproximou um pouco mais, um pouco envergonhada.

— Sim, geralmente eu durmo cedo, mas hoje é um dia especial. — De forma simpática, ele

PERIGOSAS ACHERON

puxou uma das cadeiras e olhou na direção dela, divertidamente. — Aproxime-se, senhorita. Preparei o jantar especialmente para você.

A mesa era de madeira polida e as cadeiras, também de madeira, eram acolchoadas. Havia lâmpadas rústicas que clareavam o ambiente, mas nada em excesso, apenas o suficiente para ser adequado.

A noite estava fresca, a brisa bagunçava os cabelos e trazia arrepios. No céu, a lua brilhava, lançando raios prateados e tornando tudo mais místico, mais belo. Parecia haver um milhão de estrelas lutando para serem vistas entre as poucas nuvens.

Eram muitas as árvores no rancho, pareciam se multiplicar até onde os olhos não podiam ver. Havia a essência de pinho no ar, e só então Ellen era capaz de perceber o quanto sentira saudades daquele cheiro. Era reconfortante, mais um sinal de

PERIGOSAS ACHERON

que estava em casa.

— Muito obrigada, senhor. — Ela se aproximou e sentou-se na cadeira, colocando um dos guardanapos no colo. Seus olhos literalmente brilharam quando avistaram os diversos pratos. Todos estavam muito bonitos e pareciam deliciosos. Havia duas velas em cima da mesa, protegidas por globos de vidro.

— Não se chateie caso eu durma enquanto como. É que realmente estou com muito sono. — Ele apoiou um dos braços na mesa e encostou o queixo na mão, sorrindo.

Ellen sabia que aquele gesto era simples e sem nenhuma pretensão de chamar a sua atenção, mas, de alguma maneira, sentiu-se enfeitiçada com a doçura que o olhar dele lhe transmitia. Era como se estivesse fascinada com aquele sorriso tão genuíno, com os cabelos longos e rebeldes e as covinhas nas bochechas, que davam-lhe um ar

PERIGOSAS ACHERON

brincalhão.

Sua pele era bronzeada, queimada pelo sol diário, mas não em excesso. Apenas o suficiente para fazê-lo ter um tom de oliva. Apenas o suficiente para fazê-la desejá-lo.

Enquanto Jonathan a observava, ela tratou de sair do próprio transe e começou a se servir. De fato, estava faminta e seu estômago roncou baixinho.

— Muito obrigada por preparar tudo isso para mim e por me esperar. Foi um pouco rude da minha parte dormir até tão tarde sem avisar, desculpe. — Ela levantou o olhar mais uma vez e estremeceu. Uma sensação de arrepio percorreu sua pele, e uma sensação de incômodo surgiu entre suas pernas.

— Nós somos os melhores amigos do mundo inteiro. Você deveria parar com tantas formalidades. — Ele deu de ombros, como se o fato
PERIGOSAS ACHERON

de que preparara um verdadeiro banquete para ela não fosse importante. — Eu cozinho todos os dias para o Noah. A diferença é que hoje precisei me esforçar um pouquinho mais, afinal não tinha você todos os dias aqui comigo.

O jantar transcorreu de forma muito agradável. Aos poucos, Ellen se sentiu mais e mais confortável, mas sem nunca deixar de se perder, entre um segundo e outro, na beleza que Jonathan representava.

Não era apenas sobre a beleza física. Ia muito além. Estava relacionado à capacidade que ele tinha de ser simplesmente quem era. Não parecia se esforçar para ser incrível, pois já o era.

— Obrigada. A comida estava maravilhosa.
— Disse Ellen quando por fim terminou de ajudá-lo a levar os pratos de volta para a cozinha.

— Não precisa agradecer, o prazer é meu.

Ela balançou a cabeça em afirmativa sem

PERIGOSAS ACHERON

saber o que dizer e se virou, colocando os pratos na lavadora. Seu coração palpitava rapidamente e suas pernas tremiam um pouco. Queria beijá-lo. Esperara tempo demais para fazê-lo.

Era a primeira vez, desde que partira, que se sentia tão atraída por alguém. Estava disposta a se entregar, a se permitir, e aquilo tornava-se assustador em sua cabeça, pois Ellen nunca se permitia. Aquilo nunca fizera parte de sua vida.

Quando voltou a olhá-lo, mordiscou os lábios e entrelaçou os dedos, confusa.

— Acho que você deveria dormir agora. — A voz dela soou trêmula, sem força e ela se odiou por isso.

— Sim, acho que sim. — Ele assentiu com a cabeça, acenou com uma das mãos e sorriu. Um segundo depois, se virou e pôs-se a caminhar.

Só foram necessários dois passos para que ele parasse onde estava, ainda de costas para ela.

Em seguida, virou-se outra vez e Ellen notou que havia certa selvageria em seu olhar. Desejo incontido.

Sem esperar mais nenhum segundo, Jonathan avançou na direção dela e a puxou para si. Os lábios se uniram. Havia fome naquele beijo. Havia dor e saudade. Tudo parecia crescer e consumir de forma incontrolável.

Jonathan percebeu que ela tinha um cheiro agradável de sabonete de pêssego. Ao subir uma das mãos nos cabelos, sentiu a maciez e quis que aquele momento não acabasse.

Desde que Ellen partira, ele nunca se permitira tocar outra mulher. Nunca quisera. Na verdade, não fora difícil fazê-lo, pois quando pensava em alguém para amar, só conseguia pensar nela.

Pois sempre a amara. E sempre a amaria.

Quando o beijo por fim terminou, ela tinha

lágrimas nos olhos e se apoiou no corpo masculino, as mãos trêmulas e o corpo frágil.

— Eu estava com saudades de você. Eu estava com saudades de sentir o que sinto quando estou com você. — Ela parecia perdida, tonta. — Beije-me outra vez. Sempre.

Ao vê-la com lágrimas nos olhos, ele também chorou. Seu coração acelerou no peito e de repente tudo fez sentido outra vez. A espera, a saudade, os sonhos interrompidos.

Ele nunca teria dado certo com outra pessoa, pois Ellen sempre fora a pessoa certa. Para ele. E qualquer outra mulher que tentasse entrar em sua vida, representaria apenas uma perda de tempo.

Com carinho, ele a tomou nos braços e caminhou na direção do quarto principal.



Capítulo 13

Quando a porta do quarto se fechou em um baque surdo, Jonathan pousou Ellen em cima da cama e voltou apenas por alguns segundos para trancar a porta. Em seguida, acendeu as luzes.

— Eu prefiro que fiquem apagadas. — O brilho da lua parecia o suficiente para ela. As lâmpadas eram excessivas e tiravam um pouco do misticismo da noite.

Ele assentiu e desligou as luzes outra vez. E só então percebeu que ela estava certa. O brilho prateado entrava pela janela, trazendo certo

suspense e mistério.

Lentamente, ele se aproximou enquanto desabotoava a camisa. Quando já estava perto o suficiente, tirou a calça jeans, as botas e as meias, ficando apenas com a cueca boxer azul marinho.

Ela o admirou fixamente. O corpo rígido e forte. Cada músculo era bem definido, os braços grandes e poderosos, fazendo-a desejar senti-lo naquele mesmo instante.

Por outro lado, sentia-se nervosa. Nunca estivera com um homem antes. Nunca sequer chegara perto de tamanha intimidade com alguém.

Quando partira de Cloudtown, era apenas uma garota inocente e não tivera a oportunidade de descobrir a própria sexualidade ao lado de Jonathan, por isso, tremia. Estava um pouco amedrontada. Ele certamente tinha muito mais experiência do que ela, e pensar naquilo a enlouquecia, afinal, sempre esperara por ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre fora apenas ele.

— Eu sou virgem. — A voz dele quebrou o silêncio, deixando-a completamente chocada e paralisada em cima da cama. Era como se ele tivesse lido os seus pensamentos.

Ellen levantou o olhar e ficou sem palavras por alguns segundos.

— É estranho, eu sei. Mas eu nunca tive vontade, de verdade, de estar com outra mulher. Eu sempre quis você. — Ele passou uma das mãos na cabeça e deu as costas para ela, caminhando na direção da janela. — Isso é patético. Surreal. Ninguém espera por alguém por tanto tempo. Na verdade, acho que isso nem é saudável.

Sua voz esbanjava vergonha.

Estava envergonhado por sentir demais, por se entregar demais. Era um homem adulto, com uma vida muito bem planejada, mas virgem. Não por falta de opção, mas por escolha.

PERIGOSAS ACHERON

Certamente, aquele era o seu maior segredo. Nunca conversava com outras pessoas acerca daqueles assuntos, pois não tinha nenhuma experiência e não se sentia confortável em ouvir todos falando sobre os seus momentos sexuais enquanto ele não tinha nada para contar.

Sabia que se abster de sexo não era algo aceitável, afinal esperara por Ellen a vida inteira sem ter a total certeza de que ela aceitaria voltar, de fato. Não podia despejar tamanha responsabilidade em alguém, era injusto.

Enquanto pensava em tudo aquilo, sentiu vergonha. Vergonha de si mesmo e das suas escolhas.

— Eu também sou virgem. — Ellen disse, sua voz inundando seus ouvidos. — Preferi esperar por você. Eu só queria você.

Com o coração aos pulos, Jonathan se virou na direção dela e sorriu, surpreso, meio sem reação.

— Não esperava que...

— Nem eu esperava que você...

Ele caminhou rapidamente pelo quarto e subiu na cama, puxando-a para um beijo e impedindo-a de concluir os próprios pensamentos.

As roupas dela foram removidas lentamente, entre um beijo e outro. E ao contrário do que ela imaginava, não sentiu vergonha. Se sentiu, apenas, *incrível*, assim como ele dissera no minuto em que voltaram a ver-se.

Jonathan se posicionou contra o corpo dela e começou a saborear a pele, lançando beijos lentos, tocando com mãos trêmulas. Logo, acariciou os seios turgidos e desceu um pouco mais, passando a língua lentamente pela barriga até chegar exatamente onde queria.

Meio inseguro, pousou os lábios na vagina úmida, beijando-a. Logo, sua língua rodopiou, sentindo o odor inebriar cada sentindo, sorvendo

cada detalhe.

Ela gemeu baixinho e pousou uma das mãos em sua cabeça, fazendo-se aprofundar um pouco mais. E, em poucos minutos, Ellen sentiu como se explodisse em um milhão de pedaços, caindo de algum lugar, sem saber se um dia voltaria a aterrissar.

E antes que pudesse pensar em qualquer outra coisa, o puxou para si e o beijou nos lábios, sentindo o próprio sabor na língua, meio tonta e perdida.

— Eu amo você. — Sussurrou ela, seu peito subindo e descendo.

Ele também parecia perdido, intenso. Seus cabelos longos estavam extremamente bagunçados, os olhos brilhavam em desejo. Queria mais, precisava de mais.

— E eu amo você. Agora mais do que nunca. Sempre. — Ele voltou a beijá-la e,
PERIGOSAS ACHERON

lentamente, inseriu seu membro rígido no sexo feminino.

Como esperado, Ellen sentiu uma dor imensa e se remexeu entre os lençóis. Logo, ele parou de se mover e a esperou até que recuperasse o fôlego.

— Mais devagar. — Pediu ela, disposta a sentir prazer ainda que a dor fosse intensa.

Jonathan voltou a preenchê-la, centímetro por centímetro. E quanto mais ele se movia, mais dor ela sentia. Seu corpo parecia tentar se adaptar, quase como se estivesse sendo invadido.

— Está machucando? — Perguntou ele, preocupado.

— Sim. — Ela fechou os olhos e sentiu lágrimas escorrerem por suas bochechas. — Mas continue, apenas continue. Devagar.

Ela o tocou no rosto, sentindo a barba baixa, o calor da pele aquecida pelo desejo. Aos poucos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentou relaxar, apenas sentindo o momento e buscando a melhor maneira de se entregar ao prazer outra vez.

Sua vagina estava lubrificada, por isso, aos poucos, Jonathan aumentou a velocidade e Ellen foi sentindo menos dor.

A primeira vez estava sendo dolorosa para ela e desconfortável para ele, mas ambos estavam extasiados apenas pela oportunidade de ter um ao outro.

Quando muitos minutos se passaram, Ellen sentiu as lágrimas secarem e o prazer cresceu dentro dela, tomando seus instintos e roubando gemidos, que escapavam da sua garganta de forma inconsequente.

— Mais rápido! — Clamou ela. Era difícil respirar e se controlar. — Por favor, mais rápido!

Ele sorriu ao ver a expressão de prazer e se permitiu seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele instante, Jonathan não queria estar em nenhum outro lugar. Não queria pensar em coisa alguma. E quanto mais se entregava, mais necessitava se entregar.

Seu corpo definido suave, brilhando misteriosamente contra a luz prateada da lua. Seus cabelos, rebeldes, davam-lhe um ar de selvagem, de quem não tinha controle algum em si mesmo.

Ellen o olhou fixamente, perdendo-se aos poucos, subindo muito alto mais uma vez. Sua respiração estava completamente descompassada e sua visão parecia preenchida pelo êxtase.

Pela segunda vez naquela noite, gozou. Seu corpo estremeceu e ela precisou se agarrar ao corpo dele, abraçando-o com força e sussurrando seu nome.

Queria gritar, queria poder liberar cada um dos seus sentimentos. Mas sabia que não estavam sozinhos na casa e respeitava isso. Por isso, engolir

o grito de prazer foi quase doloroso.

Logo, Jonathan se afastou rapidamente e gozou no chão, soltando sons guturais, como se, por fim, estivesse liberto de algo que o prendia há anos.

Com um sorriso, ele voltou a deitar e a puxou para um abraço, beijando-a no pescoço.

Sentia-se leve, realizado, como nunca antes havia se sentido. Era maravilhoso ter a simples certeza de que estava ao lado da mulher da sua vida, da única capaz de roubar seu coração e fazê-lo perder o fôlego.

Havia beleza naquilo, genuinidade. Pois apesar da distância, Jonathan preferira não desistir de Ellen.

Tivera a oportunidade de conhecer outras mulheres e optara por permanecer esperando, por ela, por amá-la. Sempre que se imaginava com alguém mais, sentia-se incompleto e até mesmo

enjoado, quase como um traidor.

Não quisera sexo casual. Sua personalidade nunca pedira por algo assim. Além disso, quando sua mãe adoecera, sequer tivera tempo de pensar em coisas assim. Logo, Noah também aparecera em sua vida e as possibilidades de um romance com alguma outra mulher desconhecida diminuíram ainda mais.

Portanto, Ellen sempre fora a mulher certa. E agora ela estava ao lado dele no momento certo.

Sabia que cada coisa acontecia no momento em que precisava acontecer. Não era necessário pressa. O destino tratava de escrever a sua história em seus mínimos detalhes, ensinando como bem entendia e castigando quando necessário. Claro que alguns castigos eram maiores do que outros, mas ele resistira até ali.

Era forte, pois não desistira e vencera cada um dos seus dias difíceis.

Sabia que muitos outros surgiriam, mas, depois de ter as esperanças renovadas, estava feliz como há muito não se sentia.

Queria poder conversar um pouco, mas estava extremamente cansado, por isso, aconchegou-se em Ellen e adormeceu relaxadamente, sentindo o odor feminino inebriando os seus sentidos.

Ellen, por outro lado, demorou um pouco para dormir, mas, cerca de duas horas depois, também se forçou a adormecer ao lado dele. Estava relaxada e realizada, tão feliz quanto ele.

Antes de dormir, Ellen chegou à sublime conclusão de que formavam um casal perfeito apesar de tudo. Portanto, enxergou-se como uma mulher de grande sorte, afinal nem todo mundo tinha a chance de encontrar um amor para a vida inteira.

Pois sim, Jonathan era o seu amor para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vida inteira.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14

Os meses seguintes foram cheios para Ellen.

Apesar de planejar alugar um apartamento, decidiu ficar no rancho com Jonathan até que sua vida pudesse ficar um pouco mais fácil. Ele insistira durante dias até que ela aceitasse e, pensando bem, parecia ser uma escolha certa, afinal estiveram tempo demais separados e gostavam da companhia um do outro.

Com o decorrer do primeiro mês, Ellen formou uma rotina com Noah. Ele sempre fazia as atividades escolares com ela e passavam horas

PERIGOSAS NACIONAIS

conversando sobre vários assuntos enquanto Jonathan trabalhava no rancho.

O garoto era, de fato, muito agradável, educado e inteligente. Às vezes, Ellen se surpreendia com a capacidade que ele tinha de manter conversas extremamente profundas sobre os mais diversos temas.

Em paralelo, Ellen começou também a organizar a abertura da sua loja de artesanato. Contatou diversos artistas da cidade e aos poucos o seu sonho de ter o próprio negócio começava a se realizar.

A loja não seria muito grande. Tinha tons de marrom e uma decoração simplista com mobília de madeira.

Já no segundo mês, as peças foram ficando prontas aos poucos e Ellen se sentia cada vez mais ansiosa para a abertura, que aconteceria ao final do mês seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em uma das paredes, do chão ao teto, haviam vários quadros expostos e disponíveis para venda. Algumas obras representavam a beleza de Cloudtown, outras exalavam mistério e algumas, poucas, tinham alto teor de sensualidade.

Nas estantes, vasos de cerâmica pintados à mão com cores fortes e brilhantes chamavam a atenção pela riqueza de detalhes. Havia também colares, essências naturais e uma centena de diferentes bolsas que iam desde o clássico ao mais exótico.

Tudo parecia extremamente harmônico. O odor no ar era formado por uma mistura de essências e convidavam ao conforto.

Ao mesmo tempo em que organizava a abertura da loja, Ellen também se forçou a aceitar mais alguns projetos virtuais como *freelancer*. O dinheiro era muito bem-vindo, afinal ainda demoraria um pouco até que ela conseguisse o

PERIGOSAS ACHERON

retorno financeiro que investira nos últimos tempos.

Como um bom amigo e companheiro, Jonathan tratou de ajudá-la na divulgação da inauguração, espalhando panfletos, enviando e-mails, convidado os funcionários do rancho e formando conexões que podiam ajudar Ellen na expansão do negócio futuramente.

Após a primeira noite de amor que tiveram, as coisas pareciam suaves. Cada coisa em seu lugar, assim como precisava ser. Mas, apesar de estarem juntos e morarem na mesma casa, Jonathan ainda não sabia exatamente como definir a relação que mantinham. Amigos com direitos? Namorados? Ele não sabia e evitava descobrir a resposta, por isso seguia em frente com as próprias dúvidas.

Por fim, já ao final do terceiro mês desde a chegada de Ellen à Cloudtown, aconteceu a

PERIGOSAS ACHERON

abertura da loja. Várias pessoas foram prestigiar e o ambiente ficou lotado durante todo o dia, principalmente durante o que seria o horário de almoço.

Como a ocasião era especial, Ellen serviu champanhe, vinho e os mais diversos tipos de queijos para os clientes. Pessoas importantes na cidade fizeram questão de visitar a loja, que exalava a sensação de alta exclusividade.

Quando chegou o entardecer, boa parte dos quadros já haviam sido vendidos e eram poucas as artes em cerâmica que ainda restavam nas prateleiras. Na verdade, o estoque do mês inteiro havia sido vendido em praticamente apenas um dia. Por isso, Ellen planejava fazer novos pedidos aos artistas e encontrar outros que fossem da região.

Para a surpresa dela, uma mulher elegante e com aparência jovial abriu a porta de vidro e entrou na loja. Tinha alguns fios brancos que contrastavam

PERIGOSAS ACHERON

com os tons dos cabelos longos e sedosos. Seu olhar era marcante e sério. Forte.

— Boa tarde. — Disse ela com um sorriso sincero. Tinha roupas escuras e saltos altos negros.

— Boa tarde! — Ellen cumprimentou a cliente, mas ficou paralisada por alguns segundos, tentando se lembrar de onde conhecia a mulher.

Sua mente foi e voltou no tempo uma centena de vezes naqueles poucos segundos. E então, como mágica, conseguiu lembrar. Melanie Morgan, a assistente social responsável por sua transferência para Nova York muitos anos antes.

“Não espere que as pessoas sintam pena da sua história, não espere que te abracem e te confortem. Você é a sua própria força. Posso ver isso em seus olhos. Não me decepcione.”

Os anos haviam passado, mas Ellen ainda se lembrava muito bem daquela conversa que tivera com ela. Lembrava de um dos conselhos mais

PERIGOSAS ACHERON

fortes e verdadeiros que recebera em toda a vida. E sentia-se grata, pois aquelas palavras haviam atingindo seu coração e servido como um propulsor para que pudesse seguir em frente, ainda que o medo parecesse grande demais.

Sem perceber, perdeu a cor e teve que se apoiar contra uma das prateleiras. Melanie observava os produtos com atenção e certamente não se lembrava de Ellen, afinal atendera muitas outras crianças com o passar do tempo.

Cerca de dez minutos depois, Melanie foi ao caixa com um vaso de cerâmica, alguns colares, uma bolsa de tecido especial e um quadro que tinha algumas flores desenhadas de forma intrincada. Ellen percebeu que ela quis levar algumas das essências florais, mas desistiu ao ver o preço.

— Está bonita a loja. E o ambiente é maravilhoso. Eu adorei e pretendo voltar! — Melanie sempre teve uma aparência que esbanjava

força, apesar de ser muito gentil.

— Obrigada, fico muito feliz.

Melanie tirou alguns dólares da carteira e levantou a mão para pagar. Ellen engoliu em seco algumas vezes e ficou olhando fixamente na direção da outra mulher.

— Melanie... Morgan?

Ela fez um olhar de surpresa e piscou algumas vezes antes de responder.

— Sim. Nos conhecemos? — Semicerrou o olhar, como se estivesse buscando na memória qualquer lembrança.

— Sim, nos conhecemos. Sou Ellen Heath, a menina que você transferiu para Nova York alguns anos atrás. — Ela abriu um sorriso genuíno e dispensou o dinheiro. — Não precisa pagar. É um presente meu para você, como agradecimento.

O rosto de Melanie se iluminou e por fim ela se lembrou da garotinha assustada e chorosa.

Lembrou também do garoto, que sofrera tremendamente com a partida da amiga.

— Muito obrigada, querida.

Ellen não respondeu, apenas embalou tudo e colocou nas sacolas especiais. Em seguida, as entregou nas mãos de Melanie.

— Obrigada. — Disse a mulher mais uma vez.

— Espero que volte mais vezes.

— Com certeza voltarei.

Melanie quis perguntar como estava a vida de Ellen, quis, de fato, saber como havia sido a sua vida em Nova York, e se os seus sonhos, ou parte deles, haviam sido realizados. Mas preferiu apenas abaixar o olhar e se dirigir na direção da saída da loja. Não queria parecer invasiva.

— Estou orgulhosa de você. — Disse ao parar e segurar a porta de vidro com uma das mãos.
— Não sei o que aconteceu depois da sua partida,

mas vejo que você cresceu, vejo que se tornou uma mulher. E estou orgulhosa de você.

Sem esperar que Ellen respondesse, Melanie saiu da loja com passadas largas e lágrimas nos olhos.

Quase nunca chorava. Não costumava ser sentimental. Mas saber que aquela garotinha assustada havia crescido e seguia lutando, dia após dia, em busca de um final feliz tocou o seu coração. A vida apresentava segundas chances, disse para si mesma. Para todos.

Dentro da loja, Ellen abaixou a cabeça e chorou soluçando. Não estava triste, muito pelo contrário. Ao se lembrar de todo o seu passado, das perdas e dos medos, sentiu-se grata pela vida que tinha agora. Aquela gratidão, tão cheia e intensa, arrancou-lhe lágrimas dos olhos, como uma represa que se rompia e tomava uma cidade inteira.

Demorou um bom tempo até que Ellen se

PERIGOSAS ACHERON

recuperasse do rompante de choro. Quando por fim conseguiu se recompor, foi ao banheiro e lavou o rosto rapidamente, refazendo a maquiagem e arrumando os cabelos. Não queria que algum cliente entrasse e a encontrasse chorando ou parecendo completamente destruída, afinal aquele era o seu dia. Lágrimas, ainda que fossem de felicidade, não seriam bem-vindas.

Saindo do banheiro, voltou e se sentou em um dos bancos, olhando ao redor, admirada e orgulhosa. Havia vencido, disse para si mesma. Ainda que existissem dificuldades, havia vencido.

Claro que existiriam um milhão de outras batalhas, mas estava preparada para seguir lutando. Pois, assim como recomeçar, lutar era uma das suas especialidades.

Tirando-a dos seus pensamentos, um casal entrou na loja e Ellen sorriu, animada em atendê-los. Dessa forma, o resto da tarde transcorreu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pacificamente e sem outros dramas.

E sem dúvidas, voltar a Cloudtown representava reconstruir a própria identidade, se refazendo e reformulando. Ellen se sentia nova e forte, cheia de energia.

Talvez aquela sensação fosse o verdadeiro significado de final feliz. A ideia de que, mesmo apesar dos problemas que poderiam surgir, ainda sim era possível sorrir e recomeçar quantas vezes fossem necessárias. A ideia, também, de que os dias se passavam e com eles, todas as dores e medos, mesmo que parecessem uma eternidade.

Ellen estava feliz. E a felicidade era como um sol brilhante e um céu azul, como um jardim repleto de girassóis e um abraço apertado cheio de amor.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

Jonathan tomou a decisão de pedir Ellen em casamento cerca de dois meses depois. Estava cansado de não saber definir o tipo de relação que tinha com ela e já não estava disposto a seguir com o suspense. Havia esperado tempo demais, e agora que estavam juntos, não fazia sentido nenhum para ele continuar sem saber as respostas para as perguntas que giravam em sua mente.

Mas antes de qualquer coisa, sabia que precisava conversar com Noah primeiro. Apesar dele haver se adaptado facilmente com a presença

de Ellen e de terem uma relação realmente muito próxima, era necessário que existisse uma conversa sobre o futuro, como uma forma de demonstrar que a opinião do garoto importava.

De fato, era imprescindível para Jonathan saber o que Noah pensava acerca de Ellen. Viveriam juntos, na mesma casa, por isso, gostaria, verdadeiramente, que todos pudessem viver bem e em união.

Naquela tarde, Jonathan foi buscar Noah na escola, o que era estranho, pois ele não fazia aquilo já há algum tempo. Não que não quisesse, pois adorava ter o irmão ao seu lado no carro, para que pudessem cantar juntos durante todo o caminho de volta para casa.

No entanto, Noah dissera que era melhor que Jonathan já não fosse buscá-lo. Podia voltar todos os dias de bicicleta. Como a cidade era pequena, pacata e segura, não haviam motivos para

PERIGOSAS ACHERON

se preocupar. Claro que Jonathan se preocupava e sempre ligava para saber onde ele estava, mas aceitar que o seu irmãozinho estava crescendo era a única opção.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou Noah assim que avistou Jonathan em um dos carros do rancho. — Aconteceu alguma coisa?

Noah às vezes agia e falava como um adulto, o que podia parecer engraçado e estranho para Jonathan.

— Não aconteceu nada. — Ele ajudou Noah a colocar a bicicleta na parte superior do carro e logo deu partida. — Queria apenas conversar com você sobre algumas coisas.

— Você parece estar um pouco sério demais. Eu fiz alguma coisa errada? — Noah vasculhou a mente, tentando decidir se estava em encrencas ou não.

Era comportado e quase nunca fazia
PERIGOSAS ACHERON

travessuras, então parecia-lhe estranho que Jonathan estivesse com as expressões do rosto tão pesadas.

— Não fez nada de errado, apenas relaxe.

— Jonathan também queria relaxar, então ligou o rádio baixinho. Uma música country preencheu o ar, e Noah apenas ficou em silêncio, ainda preocupado.

— Será que você poderia me falar logo o que aconteceu? Eu juro que só roubei carne da geladeira uma vez. Billy estava com fome e eu fiquei com pena dele. O coitado come ração o tempo todo. Você imaginou como seria a sua vida comendo ração todos os dias para sempre? Horrível. Você não deve me castigar apenas porque dei carne ao cachorro.

— Noah... Eu nem sabia que você tinha roubado a carne da geladeira para dar ao Billy. — Ele abriu um meio sorriso e levantou uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobrancelhas. — Você acabou de se entregar sozinho.

Noah fez uma cara surpresa e coçou a cabeça, sentindo-se um tanto estúpido.

— Estou, ahn, brincando. Não dei carne nenhuma. Só falei para ver qual seria a sua reação. — Disse, tentando reverter a situação.

Jonathan deu uma gostosa gargalhada e, enquanto dirigia, passou uma das mãos nos cabelos de Noah.

— Não se preocupe. Apenas não roube toda a carne, está bem? — Noah assentiu e mais uma vez ambos ficaram em silêncio por algum tempo. A música country ainda tocava na rádio. — Quero me casar, Noah. Com Ellen.

Ele desviou o olhar por apenas alguns segundos para ver qual era a reação dele, e se surpreendeu. Noah não parecia nada surpreso com a notícia.

PERIGOSAS ACHERON

— Legal. — Noah deu de ombros. — Eu já sabia.

— Como que você já sabia? Você é o primeiro a saber.

— Não, todos sabemos. Quando você olha para a Ellen, é como se corações voassem ao seu redor. É muito óbvio.

— Garoto, você não deveria entender dessas coisas. Nem falar dessa maneira. Eu, na sua idade, não sabia nada sobre isso.

— Você é de outro século. — Noah abriu um sorrisinho e voltou a dar de ombros.

O queixo de Jonathan caiu em surpresa.

— Eu passei os últimos dias preocupado, tentando encontrar uma forma de te falar que eu gostaria de casar com a Ellen e você simplesmente me diz que já sabia? Simplesmente reage com um “legal”?

Fazendo uma expressão de falsa surpresa,
PERIGOSAS ACHERON

Noah bateu palma duas vezes e fez um som de “uau” com a boca.

— Meu Deus do céu! Eu não fazia ideia de que você estava muito apaixonado pela Ellen e que em algum momento poderia querer se casar com ela! Eu estou muito, muito, muito surpreso. Mais surpreso do que quando nós assistimos *Sempre ao seu lado* juntos e o cachorro morreu no final e você chorou, mas disse que era apenas uma sujeirinha no olho. Acho que nunca estive tão surpreso na minha vida todinha! — Noah fez som de “uau” outra vez e levantou as duas sobrancelhas. — Melhor? Estou satisfazendo as suas altas expectativas de irmão mais velho?

Jonathan não resistiu e soltou uma longa gargalhada. Em seguida, deu um tapa de leve na nuca de Noah.

— Não seja tão irônico, demônio. — Ele fez uma pausa e refletiu nas palavras do garoto. —

PERIGOSAS NACIONAIS

E quem, pelos céus, pergunta “estou satisfazendo as suas altas expectativas de irmão mais velho”? Quantos anos você tem? Quarenta?

— Você está com inveja porque o meu vocabulário é rico. — Noah lançou uma piscadela para o irmão.

— Não podemos desviar do foco dessa conversa. Tudo bem para você, se eu pedir Ellen em casamento?

— Tudo bem, sim. Ela me ajuda com as tarefas e faz você feliz, e prepara algumas coisas gostosas. Por que não estaria tudo bem?

— Você é apenas um garoto. Pensei que talvez fosse difícil para você entender que eu preciso me casar e...

Noah revirou os olhos.

— Você realmente acha que sou tonto, não é?

Jonathan estalou a língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você é o menino mais esperto que já conheci.

— Continue, continue... O meu ego está gostando de ouvir isso...

Encerrando a conversa, Jonathan aumentou o volume do rádio. Agora, estava tocando uma música animada que ambos conheciam. Juntos, começaram a cantar como faziam nos velhos tempos.

Enquanto cantava ao lado do seu irmão e melhor amigo, Jonathan teve a mais completa certeza de que era um homem de sorte.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 16

Naquele mesmo dia, Jonathan voltou para o centro da cidade e tentou encontrar belas alianças de noivado. Apesar das coisas ainda estarem um pouco difíceis economicamente, ele podia se dar ao luxo de comprar algo bonito e de bom gosto.

Quando por fim voltou para o rancho, um pouco esbaforido, pôs-se a cozinhar e a preparar um jantar especial para Ellen. Queria fazer o pedido naquela mesma noite e estava nervoso, sequer tinha tempo para pensar muito sobre o assunto.

Não queria esperar mais. Sentia que devia

fazer o que precisava ser feito, e a insegurança era apenas algo natural, que provavelmente acontecia à maioria dos homens que estavam prestes a pedir a mão da mulher amada.

Ele sabia que Ellen o amava. Ela já havia dado um milhão de sinais de que Jonathan era o único capaz de fazê-la amar verdadeiramente. Por isso, sabia que não precisava se sentir tão inseguro, pois o noivado e, no futuro, um casamento eram apenas passos naturais na relação que tinham.

Durante praticamente todo o resto da tarde, ele se afastou das obrigações que tinha com o rancho e se dedicou totalmente a preparar um jantar perfeito para Ellen. Noah, muito inteligente, decidira passar a noite na casa de um amigo, para deixar que seu irmão tivesse total liberdade para fazer o pedido sem se preocupar com a sua presença.

A verdade era que Jonathan se sentira

PERIGOSAS ACHERON

realmente aliviado ao saber que Noah o entendia e, acima de tudo, aprovava o seu amor por Ellen. Precisava ter a certeza de que o seu irmão estava feliz, ou nunca seria realizado completamente. E, depois da conversa que tiveram no carro, aquilo já não era uma dúvida que girava em sua cabeça, atormentando-o.

O jantar ficou pronto pouco antes de Ellen chegar da loja de artesanato. Havia lagosta ao molho branco e ervas, um vinho especial da adega da família e, como sobremesa, uma deliciosa torta de morango com outras frutas vermelhas. Tudo estava bonito e atraía o olhar.

Jonathan tivera um trabalho imenso para concluir tudo, mas estava feliz com o resultado. Quando Ellen chegou, ficou surpresa com todas as luzes apagadas. Caminhou pela casa lentamente e o encontrou do lado de fora, na mesma mesa onde haviam tido o primeiro jantar juntos quando ela

PERIGOSAS ACHERON

regressara à Cloudtown.

Ele trajava uma calça jeans levemente justa e uma camisa de botões azul. Tinha a barba feita e os cabelos estavam amarrados para trás firmemente. Parecia ainda mais bonito, e usava um perfume extremamente masculino que a fazia desejá-lo intensamente.

— Hoje é algum dia especial? — Perguntou ela, aproximando-se envergonhadamente.

— Logo saberemos... — Jonathan sorriu e antes mesmo que soubesse o que estava fazendo, se ajoelhou e tirou a caixinha de veludo do bolso. Estava tão ansioso, que sequer se sentia capaz de esperar um segundo mais. Precisava da resposta, precisava ter certeza de que Ellen aceitaria se casar com ele. — Talvez isso possa soar um pouco precipitado ou rápido demais, mas, na minha cabeça, acho que já estivemos muito tempo separados. Quero estar com você, Ellen. Com o

PERIGOSAS ACHERON

passar dos anos, descobri que sou seu. E, ao contrário do que muitos dizem, ser de apenas uma pessoa durante a vida inteira não é um sacrifício. Ser somente seu durante a vida inteira, é exatamente o que eu quero para mim. Aceitaria se casar comigo?

Ellen ficou tão chocada que ficou em silêncio por vários segundos, com os olhos arregalados. Não que tivesse dúvidas, pois não tinha. Sabia que Jonathan era o homem que roubara o seu coração, e o único capaz de fazê-la acreditar em um final feliz. De fazê-la acreditar em um casamento.

— Eu aceito! — Exclamou alto, como se quisesse ouvir bem as próprias palavras. — Eu aceito porque quero ser sua assim como você é meu. Quero acordar ao seu lado. Quero ser feliz ao seu lado. Para sempre.

Ele colocou o anel no dedo delicado e em

PERIGOSAS ACHERON

seguida se levantou, puxando-a para um beijo intenso e cheio de amor.

Não haviam dúvidas de que eram um casal perfeito. E a perfeição não representava a falta de defeitos, pois certamente tinham muitos, afinal a vida compartilhada de um casal envolvia paciência, descobertas e respeito, mas havia algo que ia muito além disso. Perfeição significava o que ambos sentiam. Significava, antes de qualquer coisa, felicidade.

Ali, naquela noite que poderia ser como outra qualquer, Jonathan fez uma nova promessa. Daria o melhor de si, dia após dia, para fazê-la feliz, assim como ela conseguia roubar-lhe um sorriso apenas com o poder de sua presença.

Ao contrário das promessas anteriores, aquela era muito fácil de se fazer. A alegria dela também era a alegria dele. As possibilidades que se abriam em um milhão de novos e belos caminhos

PERIGOSAS NACIONAIS

pareciam grandiosos, e ambos estavam muito ansiosos para poder descobrir o que o destino estava preparando.

Claro que haveriam problemas, medos e dúvidas. Mas sabiam que podiam enfrentar cada problema juntos. Eram mais fortes na presença um do outro e nunca se esqueceriam disso.

— Eu amo você. — Disse ela quando o beijo terminou.

— E eu amo você. — Disse ele com um sorriso. Estavam juntos outra vez e certamente aquela união era uma das melhores coisas que haviam acontecido na vida dos dois.

Grata, Ellen apenas assentiu e se deixou levar pela magia da noite e pelo poder do amor.

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo

Os anos se passaram e Ellen se casara com Jonathan em uma tarde de domingo, no rancho. O sol estivera encoberto pelas nuvens e tudo parecera tão perfeito que ela pensara estar sonhando.

Ainda era possível se lembrar da decoração. Não fora nada grandioso, pois nenhum dos dois quisera algo assim. Cada detalhe, desde as flores à pequena orquestra contratada, fora idealizado para que no final, em conjunto, tudo parecesse minimalista, aconchegante e, claro, elegante.

Não foram muitos os convidados. Apenas alguns amigos dele, familiares distantes e

PERIGOSAS ACHERON

empresários importantes que vez ou outra investiam no rancho. Ellen, por sua vez, convidara apenas a sua família em Nova York, Melanie e algumas amigas que viviam em Cloudtown.

Anna Stephens escolhera um vestido em tons de salmão. Seus cabelos, sempre brilhantes e agora com alguns fios brancos, fora arrumado de maneira intrincada e bela. Já Richard, decidira vestir um belo smoking feito especialmente para a ocasião. O pequeno Adam parecia uma versão miniatura do pai.

Paul, que já estava casado com Pierre há alguns anos, estivera presente com os seus três filhos adotivos. Formavam uma bela família, e era óbvio, para qualquer pessoa que os visse, que Paul amava Pierre intensamente. Em seu olhar havia admiração, e a conexão entre ambos nunca se perdeu através dos anos.

E também era fácil compreender a razão

PERIGOSAS ACHERON

pela qual Paul havia se apaixonado por Pierre. O francês era, de fato, muito romântico e atencioso, e nunca, nunca mesmo, perdia a oportunidade de elogiar o marido. Pierre sempre tratava de demonstrar que se sentia o homem mais sortudo e feliz do mundo por ter alguém como Paul ao seu lado.

Gregory, indo em outro caminho, optara por simplesmente não casar. Era feliz assim. Ia de uma mulher para outra, mas nunca se conectava verdadeiramente com uma em especial. Para ele, casamentos eram uma ideia falida e não valia a pena investir tempo e dinheiro em algo que estava fadado ao fracasso no futuro.

O pensamento dele podia parecer extremamente ácido, ainda mais porque tanto Paul quanto Ellen haviam encontrado os grandes amores de suas vidas e estavam realmente felizes. Obviamente, ainda haviam seus pais, Anna e

PERIGOSAS ACHERON

Richard, que mesmo após tantos anos casados, ainda se amavam profundamente, e eram o maior exemplo de um casamento sólido que qualquer pessoa da família poderia ter.

Apesar disso, toda a família respeitava a escolha de Gregory. Anna ainda acreditava que ele se arrependeria daquela ideia um dia, e temia que talvez fosse tarde demais quando enfim o fizesse, mas há muito desistira de convencê-lo a tentar amar alguém, de fato.

Talvez, algumas pessoas naturalmente não tivessem os genes dados aos casamentos e promessas de amor eterna, pois mesmo que ele não mantivesse nenhum tipo de relacionamento sério, parecia feliz e completo.

Costumava viajar sempre que podia e trabalhava intensamente. Quando sobrava algum tempo, dava atenção a alguma pretendente disposta a tê-lo somente por algumas noites. Nenhuma

PERIGOSAS ACHERON

dessas pretendentes foi capaz de fazê-lo sentir algo muito mais além do desejo e da luxúria.

Quando Ellen e Jonathan trocaram os votos de casamento, ninguém da família dela fora capaz de segurar as lágrimas. Conheciam a sua história, sabiam que ela havia passado por coisas terríveis para, por fim, encontrar o amor nos braços do homem que a esperara por tanto tempo.

Naquela noite, um ano após o casamento e de todas as promessas de amor, decidiram reunir toda a família outra vez para comemorar a felicidade. No rancho, estava acontecendo um baile com comida farta e bebidas para todos, até mesmo para os funcionários.

Ellen estava sentada em uma das mesas conversando com Paul quando as luzes se apagaram e a pista de dança montada se acendeu. Com um sorriso gentil, Jonathan se aproximou.

— Poderia me dar o prazer de dançar com

PERIGOSAS NACIONAIS

você? — Ele trajava um smoking elegante. Seus cabelos estavam soltos e, mesmo com as roupas formais, detinha o ar selvagem de sempre.

Desviando o olhar do seu irmão de alma, Ellen retribuiu o sorriso e se levantou. Trajava um vestido solto azul e saltos prateados com pequenos detalhes também prateados. Seus cabelos estavam soltos e ela estava bronzeada, após vários dias trabalhando no rancho ao lado do marido.

— Nós estamos juntos há muito tempo e você ainda age com o mesmo carinho e atenção de quando erámos namorados. — Ela pousou a cabeça no peito dele e se permitiu relaxar.

Nas caixas de som, tocava *All I Ask*, da Adele. Aos poucos, todos se levantavam e se encaminhavam para a pista de dança. Certamente, aquele baile se tornaria uma tradição no rancho e aconteceria todos os anos, para comemorar o aniversário de casamento do casal.

PERIGOSAS ACHERON

— Um dia, eu fiz a promessa que estaria para você. Que faria você feliz e amaria cada detalhe seu. Estou fazendo isso, estou tratando de arrancar um sorriso seu sempre que posso, pois isso faz com que eu me sinta o homem mais feliz do mundo. — Ele moveu uma das mãos lentamente e a pousou nos cabelos dela. — Amar você é maravilhoso, Ellen. E darei o meu melhor para ser capaz de te reconquistar, dia após dia, assim como na primeira vez em que nos beijamos.

Noah, que também vestia um smoking, veio caminhando na direção do casal. Já era quase um adolescente agora. Seus cabelos, assim com os do irmão, eram mantidos longos, e agora ambos se pareciam cada vez mais.

— Parabéns. — Disse ele, se perguntando se estava atrapalhando alguma coisa.

De forma carinhosa, tanto Jonathan quanto Ellen puxaram Noah para mais perto e o abraçaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que podemos dançar juntos, os quatro. — Ellen abriu um sorrisinho de quem estava guardando um segredo.

— Os quatro? — Jonathan levantou uma das sobrancelhas, curioso.

— Sim. Você, Noah, o bebê e eu.

— Do que está falando? — Noah levantou a sobrancelha de uma maneira exatamente igual ao irmão.

— Estou esperando um filho. Descobri há algumas semanas e decidi esperar para contar hoje.

Jonathan não falou nada, apenas os abraçou com ainda mais força. Aquela era a sua família, pensou. A sua base. Ao lado deles, nunca teve dúvidas de que o seu final feliz estava ali, no seu rancho, com a sua família.

Com a sua Ellen.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Outros títulos do autor

Uma dama nada exemplar

Lady Rebecca Crawford sempre fora considerada uma dama inteiramente inadequada. Com seus modos rebeldes e atitudes estranhas, assustou a praticamente todos os pretendentes que demonstraram interesse nos últimos anos.

Por outro lado, lorde Louis Forster, seu melhor amigo, tornara-se um solteiro convicto. Na verdade, mantinha-se sozinho simplesmente porque achava que a solidão era a sua melhor companhia.

Juntos, formam uma dupla improvável, onde barulho e silêncio se unem na busca pela felicidade. No entanto, às vezes o amor pode surgir nas relações mais inapropriadas... Ou inesperadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entre aventuras e encontros furtivos, o destino de Rebecca Crawford parece guiá-la sempre na direção de dois possíveis caminhos: o de se tornar uma solteirona ou enxergar que o amor está no sorriso cínico ao lado!

PERIGOSAS ACHERON

Submergir

Ele precisava de um recomeço...

Jung Tae-il conhecera a dor da pior forma. Depois de perder praticamente tudo o que havia de mais importante em sua vida, necessitava buscar maneiras de traçar um novo caminho. E apesar de lutar contra a própria escuridão, parecia afundar-se cada vez mais na impossibilidade de ser feliz outra vez.

Ela representava um recomeço...

Com seu humor caloroso e a incrível capacidade de enxergar as cores mais brilhantes da vida, Sophie Horton parecia reacender a esperança que se apagara no coração de Tae-il. De forma espontânea, trazia exatamente o que ele parecia precisar. No entanto, por trás de todo sorriso brilhante, sempre há a escuridão...

PERIGOSAS NACIONAIS

Juntos, precisarão cicatrizar as próprias feridas antes que seja tarde demais. Como esperar um final feliz, se a felicidade já não parece existir? Neste romance sobre segundas chances e esperança, permita-se sonhar com o poder do amor!

PERIGOSAS ACHERON

Segure a minha mão

Uma amizade interrompida pelo destino...

Ao receber a proposta de estudar em uma grande universidade em Nova York e deixar o Texas para trás, Caim Beresford soube que nada mais em sua vida seria a mesma coisa outra vez. Partiu e não deixou apenas a fazenda que tanto amava, mas também a única garota capaz de enxergar a sua alma.

Um retorno inesperado...

Olívia Woods já não era a garota assustada que ele conhecera ao partir, tornara-se uma mulher forte, lutando diariamente contra os preconceitos que sofria com a sua deficiência visual. No entanto, em um dia que poderia ser tão comum quanto todos os outros, Caim regressa à Cloudtown com um propósito importante.

Agora, juntos outra vez, ambos irão

PERIGOSAS NACIONAIS

perceber que alguns sentimentos nunca morrem.

Será que Olívia seria capaz de confiar outra vez o seu coração nas mãos do único homem com o poder de feri-la?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS:

FACEBOOK.COM/JhonatasNilsonEscritordeRo

PERIGOSAS ACHERON